

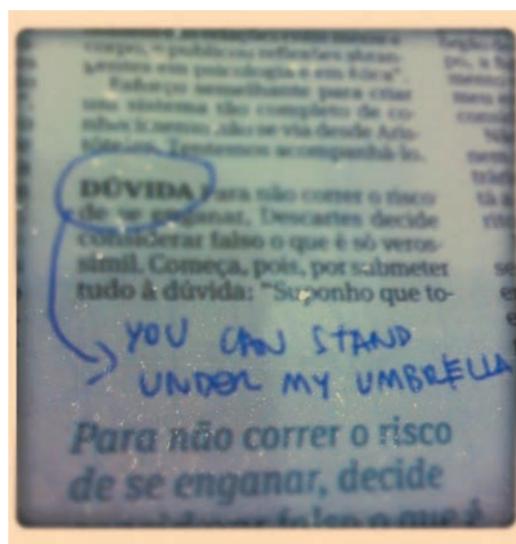
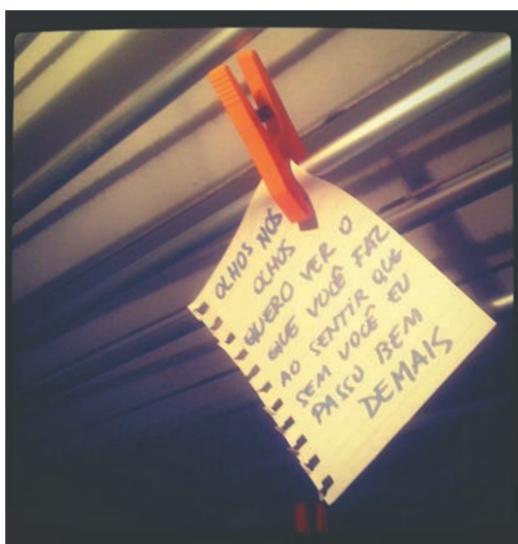
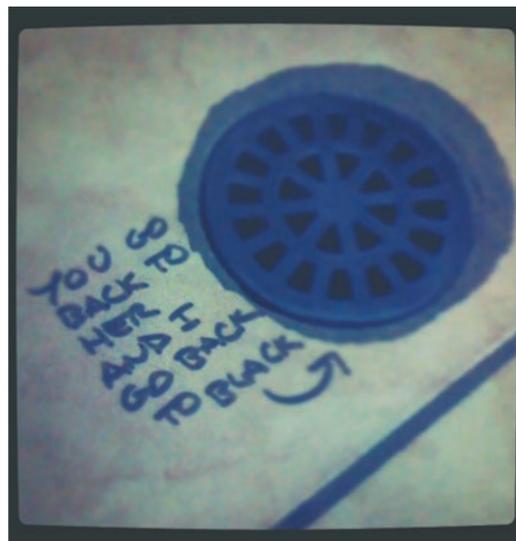
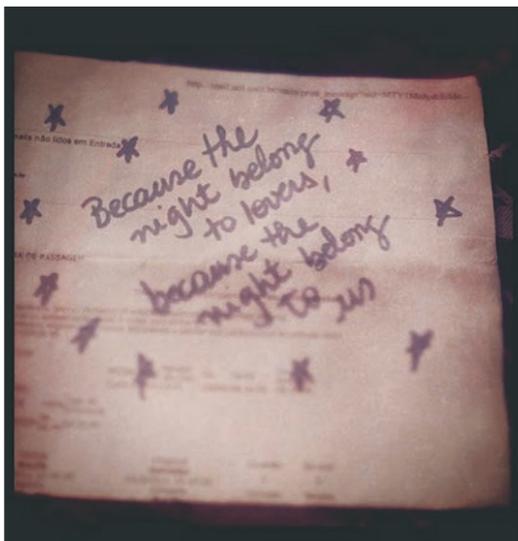
# PERNAMBUCO



## GURU: MODOS DE USAR

PRESENÇA DE DEEPAK CHOPRA NA FLIPORTO NOS FAZ PENSAR NO PAPEL DOS "MESTRES"

## GALERIA



## THIAGO SOARES

“*Cotidiano de Rabiscos Musicais* é um projeto de fotografia em redes sociais (Instagram, Twitter e Facebook) desenvolvido por mim a partir do registro em caligrafia de trechos de letras de músicas que integram sua memória afetiva. Ouvimos músicas, retemos trechos, ficamos com aqueles versos ‘tatuados’ no cotidiano. Para evidenciar esse caráter de urgência e de latência da música na nossa vida, redijo nos mais diversos suportes – do tradicional papel, passando pelo azulejo, pela cerâmica e também pelos mais insuspeitos objetos – que também são ‘tatuados’ com as canções. Por trabalhar com tentativas de reter materialidades dos afetos, a caligrafia tem um papel fundamental na caracterização das imagens.”

## CARTA DO EDITOR

A Fliporto, que acontece entre 11 e 15 deste mês, em Olinda, já se consolidou como o maior evento literário do Nordeste. Nesta edição, a Festa voltada a investigar a nossa relação com a cultura oriental, além de homenagear o mestre Gilberto Freyre, traz a Pernambuco nomes importantes da literatura contemporânea, como o Prêmio Nobel de Literatura Derek Walcott e o português Gonçalo M. Tavares, ambos retratados em artigos nesta edição do jornal.

Gonçalo, inclusive, é focado em um artigo inusitado do mestre em comunicação social Paulo Carvalho. Paulo é fascinado pela série *O Bairro* de Gonçalo, no qual o escritor fantasia sobre uma urbe em que viveriam grandes escritores. No seu artigo, ele preferiu desconstruir a obra numa série de notas e olhar através da arquitetura erguida pelo português. Na matéria de capa, escolhemos investigar a grande atração do evento, o médico e escritor indiano Deepak Chopra.

Charlatão para alguns, guru para outros, Chopra é uma figura controversa. A repórter Daniela Arrais conversou com alguns dos seus seguidores e fez um apanhado do seu pensamento. “Deepak Chopra, o guru indiano

que fez fama e fortuna ao exaltar a meditação como passaporte para uma vida melhor, é tudo, menos uma unanimidade. Para quem lê seus livros, medita e segue seus ensinamentos, ele é responsável por mudanças no rumo da vida. Para quem faz um raio-x de sua atuação, que vai de palestras pelo mundo a música feita em parceria com Madonna, ele é o retrato da autoajuda travestida de religião”, enfoca a repórter as contradições que cercam o grande nome da Fliporto 2011.

Como estamos falando de Chopra, não poderíamos deixar de lado a ideia de guru, que cerca o seu nome. O repórter Felipe Fernandes saiu à procura de decifrar o que existe por trás dessa expressão: “Alguém que seja capaz de nos mostrar onde está a luz. Função, aliás, que está na origem da palavra, que em sânscrito uma das sílabas significa luz e a outra escuridão.”

Além da Fliporto, esta edição traz uma entrevista com Francisco Alvim e uma matéria das mais curiosas sobre um perfil do *Twitter* que tem alfinetado os excessos de fofura dos jornalista.

É isso, boa leitura e até dezembro.

## PERNAMBUCO

### GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Governador  
Eduardo Campos

### Secretário da Casa Civil

Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

### COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO – CEPE

Presidente  
Leda Alves  
Diretor de Produção e Edição  
Ricardo Melo  
Diretor Administrativo e Financeiro  
Bráulio Meneses

### CONSELHO EDITORIAL

Everardo Norões (presidente)  
Antônio Portela  
Lourival Holanda  
Nelly Medeiros de Carvalho  
Pedro Américo de Farias

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO  
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO  
Luiz Arrais

EDIÇÃO  
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO  
Mariza Pontes e Marco Polo

ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO  
Gilson Oliveira, Janio Santos, Karina Freitas,  
Militão Marques e Sebastião Corrêa

PRODUÇÃO GRÁFICA  
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto  
Bandeira e Sôstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE  
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO  
Gilberto Silva

**Cepe**  
EDITORA

PERNAMBUCO é uma publicação da  
Companhia Editora de Pernambuco – CEPE  
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife  
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação  
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

## BASTIDORES

# Que tudo seja sentido, antes de ser pensado

Um dos principais poetas do Brasil hoje, comenta a poética que inspirou seu novo livro voltado ao público infantil, que tem no elemento água a grande fonte de inspiração

KARINA FREITAS



### Eucanaã Ferraz

**Gosto de pensar** que a poesia pode educar nossos olhos. Escrevo com esse desejo: que as coisas se tornem mais nítidas, em todos os sentidos. Se escrever para a infância tem certo caráter de urgência, a tarefa é, por outro lado, mais plausível, pois a educação dos sentidos parece mais fácil e destinada a maior êxito quando meios e modos de percepção das coisas, assim como a constituição do mundo interior, estão recém-inaugurados.

*Água sim* nasceu desta vontade muito simples: fazer com que meus pequenos leitores olhem a água; que, antes de levar o copo à boca, deixem os olhos, por um instante, admirar a transparência, o tremular do líquido; que olhem para a chuva, que a vejam não como um evento mais ou menos desagradável, mas como uma beleza enorme e gratuita, parte de um ciclo natural, vida, enfim. Quando digo olhar, quero dizer: pensar com os olhos.

Há no livro sentimentos que guardei na memória. Por exemplo, está registrado no breve texto que me apresenta ao final, que desde menino gosto de chuva, de chuveiro, de chuvarada, e já morei numa casa que tinha uma cachoeira bem perto. Mas isso se conjugou a outras realidades, como saber que a água passou a ser, hoje, um problema: o futuro da vida na Terra depende diretamente desse bem natural, finito, cuja preservação é tão difícil quanto premente. As crianças, hoje, aprendem isso na escola, na televisão. Passou o tempo em que água e ar pareciam coisas infinitas e nos davam a sensação de liberdade e imortalidade, como se fôssemos deuses. Essa era da inocência se foi. Assim, pode-se dizer, sem erro, que *Água sim* tem um sentido ecológico. Mas é fundamental observar que o livro não dá lições nem trata explicitamente de problemas ligados ao meio ambiente. A ecologia ali é, sobretudo, a da percepção, da subjetividade e da consciência poética do mundo. Um dos versos diz apenas: “A lágrima”. Antes de qualquer coisa, a água está dentro de nós. E essa realidade física, biológica, torna-se clara na emoção. A natureza, no livro, está diretamente vinculada ao afeto, pois tudo surge ligado, tramado numa sintaxe

que é tanto a da escrita quanto a da interdependência estrutural de tudo que está à nossa volta. Queria que tudo fosse sentido, antes de ser pensado.

A água aparece em todos os seus estados físicos, o que, na escola e em casa, pode ser útil para explicar à criança princípios básicos de ciência a partir de elementos que ela reconhece bem. Além disso, há elementos ambientais, culturais e paisagísticos, como o rio, a mata, o barco, o porto, a pedra, em que aparecem um lagarto, um peixe, mas também um menino e uma menina. Há noções de espaço e de tempo, bem como de encaixe, conexão e transformação, o que sugere à criança uma aliança entre o humano, os seres e as coisas. No mais, penso que há lirismo, delicadeza e uma sutil exploração formal nas modulações sintáticas, nos cortes e nos arranjos mais horizontais ou mais verticais dos versos (são, por exemplo, mais curtos e se apresentam mais verticais quando falam da chuva que cai).

Trata-se de um poema, sem dúvida, ainda que fragmentário ao longo das páginas e constituído por estruturas mínimas. Evitei contar uma história, mas deixo em aberto a possibilidade de uma narrativa, a ser urdida pela criança.

As ilustrações de Andrés Sandoval são belíssimas: uma série de monotipias – técnica de impressão muito simples mas de grande efeito nesse livro. As cores predominantes são o azul e o verde, usadas em texturas e formas instigantes, entre a abstração e a figuração. Andrés mais sugere que explicita, o que tornou o texto escrito ainda mais expressivo.

Penso que o efeito final é o de um belo amálgama entre a palavra e a imagem, capaz de excitar a percepção e a imaginação. É um livro afirmativo desde o seu título: *Água sim*.

### CARTUNS

ANDRÉ DAHMER

[HTTP://WWW.MALVADOS.COM.BR/](http://www.malvados.com.br/)



### O LIVRO



*Água sim*  
Editora Companhia das Letras  
Páginas 48  
Preço R\$ 33

## IMPRESA

# Um beijinho em quem ler esta página

Perfil do *Twitter* lança mão do cantor Wando para criticar fofura da imprensa

Fabiana Moraes

## MERCADO EDITORIAL



“Caipirinha, guaraná e grafite encantam cineasta indiano” (título de matéria publicada em portal jornalístico); “Stevie Wonder teve um probleminha de parto prematuro, daí ficou cego” (apresentadora Didi Wagner durante o *Rock in Rio*); *O Globo*: “Por que você corta o seu cabelo?” Justin Bieber: “Às vezes não há motivo” (trecho de entrevista com o cantor adolescente). Os exemplos vistos acima fazem parte da onda de candura que afeta o jornalismo nacional, seja ele veiculado na TV, nos impressos, nas rádios ou internet. Nesse mar azul midiático, mais do que analisar um fato distinto em si, é preferível dar atenção à doçura potencial de um evento, de uma frase, de uma aparição. Sorrisos, troca de elogios e comentários ligeiros – que só se aproximam de campos mais espinhosos no plano superficial – são algumas das características desse produto cuja linguagem se assemelha ao que o sociólogo Sergio Miceli, chamou, no livro *A noite da madrinha*, de “mito da lareira”. A definição fica por conta do próprio autor: “trata-se de um estoque determinado de significantes (lugares-comuns, expressões consagradas, verbos com aspirações poéticas, palavras nobres) e de uma série de técnicas e recursos cuja finalidade consiste em lyricizar a fala (adjetivação carregada, uso intimista, explosões exclamativas, eufemismos, metáforas caducas etc.) e desfechar efeitos seguros”. O objetivo central desta técnica é, continua ele, provocar um efeito sentimental e oferecê-lo já detonado e comentado. “O mito da lareira reproduz (...) o modelo cultural da sociabilidade pequeno burguesa”. Ali, Miceli analisava, no Brasil regido pela ditadura militar dos anos 1970, o programa de Hebe Camargo.

A apresentadora que notabilizou o “gracinha!” nos serve aqui como uma espécie de totem desse jornalismo da candura: é como se suas expressões e mesmo sua lógica, empregadas originalmente no ambiente do entretenimento, no calor ficcional do seu sofá, tivessem migrado para uma esfera em que um dos propósitos – o da informação – foi colocado em segundo plano. Essa observação não exclui o fato de que no jornalismo voltado para o grande público sempre houve chiste e entretenimento, e não apenas notícias: era comum, nos jornais populares do século 19, a publicação de “reportagens” totalmente ficcionais (entrevistas com o Barba Azul, com o bebê-demônio etc). Por outro lado, os perfis e matérias sobre o “homem comum” ganharam espaço. O historiador da imprensa Michael Schudson afirmou que os jornais baratos (*penny press*) foram os primeiros a reconhecer a importância da vida cotidiana e os primeiros a trazer “artigos de interesse humano”, ambos moedas fortes no jornalismo atual.

A diferença é que, neste momento, jornais como o *Tribune* ou o *The New York Times* faziam questão de manterem-se afastados daquilo o que poderia ser visto como mera diversão – uma política que os diários “sérios” mudariam completamente com a queda de leitores e o fortalecimento, nos anos 1980, daquilo que foi chamado de infoentretenimento. É justamente nesse fenômeno híbrido que o jornalismo do “ooooown”, o “jornalismo da lareira” (dilatando o termo de Miceli), vai ganhar espaço. E dá-lhe entrevista exaltando as qualidades físicas e artísticas de famosos (que estabelecem, de saída, aquilo o que não pode ser perguntado pelo repórter); a promoção de determinados políticos através de declarações sobre os mais variados assuntos; a criação de “afetividades” com propósitos eleitorais (quem não lembra da capa da *Veja* que trazia um José Serra super fofo, inspirando milhares de internautas a criarem o movimento *Meiguice Serra?*). O “tá dominado” da candura jornalística não passou batido, é claro. Artigos, dissertações e teses exploraram o fato observando vários dos seus filhotes (o jornalismo cor-de-rosa, o jornalismo “cidadão”, os sites de notícias de moda etc).

Um irônico perfil de *Twitter* estabeleceu uma nova nomenclatura para o fenômeno, denominando-a como *Jornalismo Wando* (ver entrevista ao lado). Nas postagens, o autor abusa da intimidade (chama, por exemplo, a jornalista Míriam Leitão de “Mi”), das exclamações e dos elogios, vários deles dedicados a nomes como o do líder do PSDB no Senado, Álvaro Dias. Recentemente, *@JornalismoWando* concedeu o título *Honóris-Fófis* ao ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, uma resposta engraçadíssima

KARINA FREITAS



## O Jornalismo Wando nos leva a observar uma profissão que parece ter se voltado aos consumidores

ao fato de que não ele, mas outro ex-presidente, Lula, recebeu uma condecoração em uma universidade francesa. Vários jornalistas questionaram a láurea. Apesar do tom de brincadeira – que não esconde sua fina ironia – o *Jornalismo Wando* nos leva a observar com mais atenção as propriedades de uma profissão que hoje parece se dirigir muito mais a um consumidor/espectador, e não a um leitor que pode reorganizar suas práticas a partir do que está escrito – inclusive questionando o que está colocado.

Não se trata de moralismo: divertir-se é direito fundamental para nós que, cada vez mais, somos tratados como impressoras multifuncionais. Mas é preciso saber que, ao manter o consenso, ao não evocar a discussão, o “jornalismo da lareira” termina servindo como um poderoso veículo político que diz sorrindo para você: “simplesmente mantenha as coisas como elas estão”.

Fabiana Moraes, é jornalista, doutora em sociologia e autora do livro *Os sertões*, publicado pela Companhia Editora de Pernambuco



## “Seja fofo e garanta o leitinho das crianças”

Criador do perfil *@JornalismoWando* explica a fórmula ideal para você “arrasar” na fofura

**Formado em Ciências Sociais** pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, João Carlos Ferreira Filho é o criador do *@JornalismoWando*, perfil com 1.355 seguidores na primeira semana de outubro e apenas 1.153 postagens (o que, no mundo Twitter, indica ou que o dono do perfil posta pouco ou é relativamente novo naquele ambiente). O sucesso que acompanha o avatar no qual vemos o rosto do famoso cantor popular (fofíssimo, não acham?) faz sentido: usando expressões como “beijo no coração!”, o perfil alfineta jornalistas e jornais famosos, chamando atenção para a candura não apropriada para suas práticas. Conversamos com João Carlos sobre seu alter ego. “O Wando ficou com ciúmes”, avisou.

Na sua opinião, por que o jornalismo do coração parece buscar sempre o consenso, tem esse caráter quase apaziguador? Acredito que as faculdades de jornalismo (como todas as outras faculdades) estão mais preocupadas em preparar profissionais que se adequem aos interesses do mercado do que cumprir sua verdadeira função, que é de formar jornalistas que contribuam de alguma forma para a sociedade. A opinião, o espírito crítico e a reflexão não são incentivadas como deveriam, porque não ajudam o jovem que sai da faculdade a conseguir um bom emprego. Pelo contrário, quanto mais dócil e alinhado aos interesses do mercado o jornalista for, mais chances ele terá de ser bem sucedido profissionalmente.

Outra característica do *Jornalismo Wando* é a tentativa de estabelecer linguagem íntima tanto com o entrevistado quanto com a audiência. Você acha que essa é uma maneira/técnica de angariar mais espectadores/leitores?

Não. Acho que essa é uma técnica usada por jornalista mal preparado. Até porque não é da alçada do jornalista se preocupar com audiência. Conquistar a simpatia do entrevistado não é objetivo da profissão. Isso quem faz é a Ana Maria Braga, o Gugu e o Faustão. Jornalismo tem que ser, necessariamente, formal, sério e objetivo. Afinal de contas, sua função principal é relatar a realidade de forma nua e crua. Infelizmente, uma doçura quase infantil ocupou o espaço da opinião e da reflexão crítica dentro do jornalismo. Esse processo de “anamariabraguização” do jornalismo tupiniquim caminha a passos largos.

Houve um momento no qual jornalistas eram mitificados: a eles estavam ligadas as ideias de coragem, esforço, isenção, verdade, heroísmo. Hoje, a imagem é diferente: jornalistas têm um poder menor de influência e são duramente criticados no espaço da sociedade civil (os denominados blogueiros progressistas são um exemplo). A prática do *Jornalismo Wando*, a fofura como técnica de trabalho, não seria resultado desse lugar menos legítimo que a profissão hoje enfrenta? O tal *Jornalismo Wando* é atemporal. Sempre existiu e sempre vai existir. Mas, é evidente que isso está se acentuando. Acho que existe, sim, esse componente que você citou. Acho que os grandes monopólios de comunicação são os maiores indutores e incentivadores do *Jornalismo Wando*. Nenhuma empresa vai contratar jornalista que faça críticas que atrapalhem seus interesses. Nenhum empresário de comunicação, por exemplo, aceitaria um jornalista seu criticando uma empresa anunciante ou um ator/músico contratado dessa empresa. Vejamos os últimos *ombudsman* da *Folha de S. Paulo*. Passaram jornalistas bastante críticos do jornal pelo

cargo. Cansada, a direção da *Folha* resolveu colocar um profissional alinhado aos seus interesses.

Você acha que esse jornalismo que preconiza o consenso enfraquece a prática jornalística que tem como fim informar, divulgar, provocar o debate? Sem dúvidas. A natureza da profissão de jornalista está sendo totalmente desvirtuada. Não é à toa que vemos muitos jornalistas migrando para programas de entretenimento, como o Pedro Bial e o Britto Jr. Jornalismo e entretenimento estão cada vez mais próximos. Como diz o *@JornalismoWando*: “Nasceu com o espírito crítico e investigativo? Então jornalismo não é sua praia, querido. Vá criticar restaurante e cinema ou ser investigador de Polícia. Jornalismo sem sentimento, não faz sentido.”

Há um sentido político do jornalismo fofo – falo dele em si, seu espraiamento, sua força, sua reprodução? Claro que sim. Não é à toa que jornalista que faz crítica que fere o interesse do patrão é colocado no olho da rua. Isso inibe a sobrevivência de bons profissionais que querem exercer jornalismo de fato. É muito mais cômodo ser fofo e manter seu emprego, do que ser jornalista de verdade e correr riscos. Os poucos profissionais que não se submetem ao esquemão são obrigados a escrever em blogs e na imprensa independente, o que obviamente dá muito menos dinheiro. As poucas famílias que comandam as empresas de comunicação no país têm rabo preso com setores políticos e com grandes empresas. Acaba não sobrando quase nada pra criticar. Aí então, o profissional que já vem “adestrado” da faculdade, chega à conclusão de que é melhor sorrir, ser fofo e garantir o leitinho das crianças.

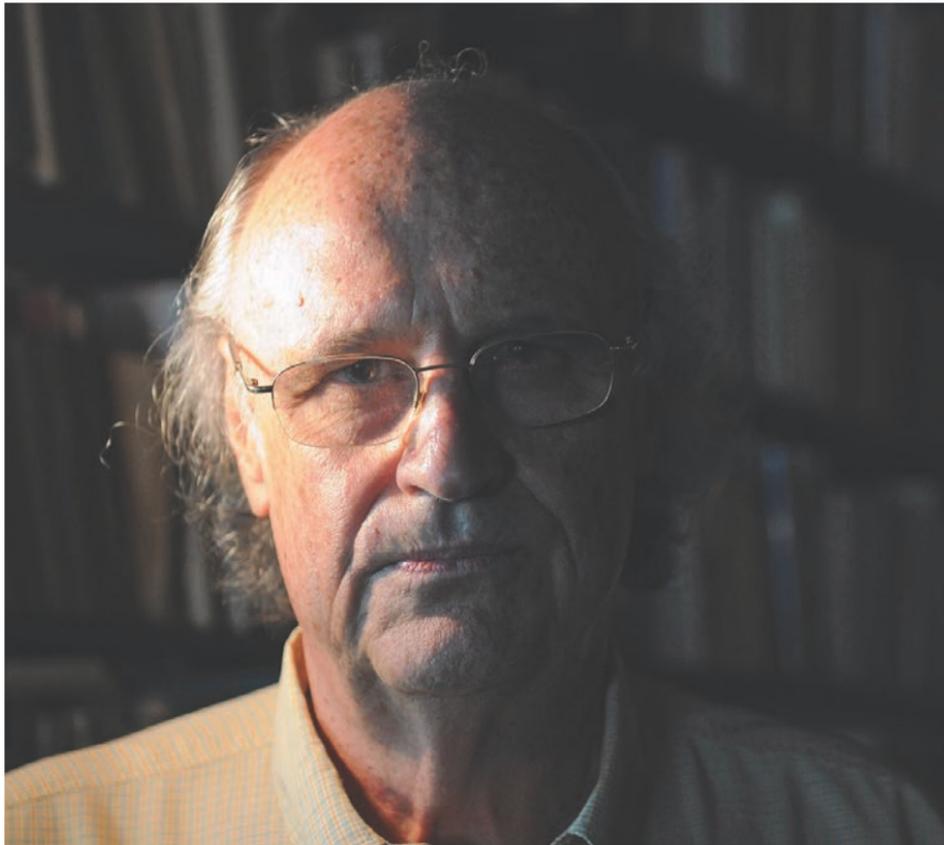
## ENTREVISTA

## Francisco Alvim

# “Os poetas não amadurecem e não se desenvolvem”

Expoente da chamada literatura marginal brasileira dos anos 1970, o poeta lança novo livro pela Companhia das Letras e comenta a sua relação com o cenário atual

WANDERLEY POZZEBOM/CB/D.A PRESS



Entrevista a **Fábio Andrade**

**Francisco Alvim** é nome obrigatório quando se pensa na chamada “poesia marginal”, geração de escritores posterior à eclosão da vanguarda concretista, e que se apresentava como um caminho alternativo à lógica experimentalista. A proposta era experimentar a vida, a vida imediata, com todas as suas mazelas e desacertos. É mesmo que hoje tenhamos uma visão crítica que, com distância e rigor, pode avaliar melhor o que dessa geração ficou como contribuição, ela marcou a história da literatura e poesia brasileira e transformou-se em referência, seja no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas ou Pernambuco. Conversar com o autor de *O sol dos cegos* (1968),

*Passatempo* (1974) e *Elefante* (2000), mostrou que os poetas buscam se reinventar a cada novo livro, mesmo que partindo das obsessões de sempre, como ocorre também em seu novo livro – *O metro nenhum* (2011), lançado pela Companhia das Letras. Afirmando também que a obra individual é sempre mais interessante que os grupos, gerações e outros balaios. Ouvir a voz particular é sempre uma experiência mais significativa que ouvir o burburinho dos aglomerados. Nesta entrevista ao **Pernambuco**, o autor comentou a sua nova obra, falou das inspirações para o seu trabalho e listou ainda as suas preferências literárias. “Minha leitura é bastante anárquica. Com os anos, então... Começo um livro de poemas, passo pelo meio de outro”, apontou durante a conversa, concedida por e-mail.

**Marcos Siscar, que é professor e poeta, em seu livro *Poesia e crise*, recentemente lançado, afirma que a noção de crise transformou-se num lugar-comum da modernidade, um topos, para usar a terminologia acadêmica. Você acredita que sua poesia também expresse essa crise, simultaneamente social e literária?**

É possível, na medida em que meus poemas efetivamente se expõem aos desconcertos do mundo e buscam a forma que dê expressão a esse embate. Isso se dá no plano da história, em que a poesia se insere como qualquer outra atividade humana; e como os tempos que correm são inegavelmente de crise... Não considero contudo os meus poemas motivados por ou vinculados a uma ideia de crise. Talvez porque acredite que a poesia procure guardar uma dimensão de liberdade em relação à própria história: ao mesmo tempo que está dentro dela, aspira estar fora, gerando um espaço livre, de possibilidades próprias e ilimitadas.

**Em *O metro nenhum*, assim como em seus outros livros, pode-se identificar duas tendências: a primeira, mais assimilável – digamos assim – ao discurso tradicional poético da modernidade, poemas em que o jogo verbal convive com a observação crítica do cotidiano; e uma segunda, em que o discurso poético simula um recorte da fala de outros que acaba conferindo a essa fala deslocada outros significados. Como você vê a convivência desses dois registros?**

Não estou seguro de que sejam apenas dois os registros; talvez sejam mais. De qualquer modo são sim registros distintos, procedimentos de fatura do poema que claramente se distinguem uns dos outros. Não creio que estabeleçam um “convívio”. Creio mesmo que por se manterem à parte uns dos outros meus livros apresentam a estrutura que têm.

**Em relação ainda a essa característica de sua poética, pode-se falar talvez num processo consciente de “de-sublimação” da poesia, trazendo ela para um mundo**

“Na verdade, os poetas são a consequência de uma metonímia: o que produzem é o que lhes empresta identidade

“Há poetas que habitam uma casa de portas abertas, sem paredes, e que se expõem à desordem do mundo

mais chão. Isso invalida a noção de desenvolvimento ou maturidade poética, apontando mais para o que podemos chamar de obsessões poéticas que permanecem ali, sempre presentes no discurso do poeta, como uma espécie de fratura recorrente?

Há poetas sistêmicos. Criam universos fechados, em que a potência verbal dá conta da desordem do mundo. Há poetas que habitam uma casa só de portas e janelas abertas, sem paredes, e que se expõem à desordem do mundo e também à da linguagem. Há mesmo os que misturam as duas colunas: a da ordem e a da desordem. Quanto à noção de amadurecimento ou de desenvolvimento, francamente não sei se se aplica em poesia. Os poetas, a meu ver, não amadurecem ou se desenvolvem. Na realidade, os poetas são a consequência de uma metonímia: o que produzem é o que lhes empresta identidade: o poema; este, sim, é ou não é, independentemente de critérios de amadurecimento ou desenvolvimento. Ou existe ou não existe. Há uma observação muito corrente mas nem por isso pouco verdadeira, que sempre se faz pelas costas do interessado: ele pensa que é poeta ... Quando isso ocorre, e dependendo da competência de quem o faz, é porque o candidato foi reprovado na prova do poema. Há ainda aquelas circunstâncias em que o poeta, consagrado ou não, deixa de sê-lo porque cometeu um não poema. O que nos conduz à percepção de Bandeira de que se deve acreditar mais no poema do que no poeta.

Em *O metro nenhum*, encontramos uma veia lírica mais tradicional também, como se pode verificar no poema “Amor”, texto de grande delicadeza e que contrasta com os recortes mais secos do “discurso do mundo”... “Tanta solidão na entrega / tanto abandono // trêmula, trêmula / Aragem / perante meu olhar / duro // a palavra mais impura / não dirá tudo / Doía na treva / aquele ser puro / a meu lado, impuro // Eu, ou o que me chame / estava ali? // A rosa alegre dos / ventos // Que mar é este? / Que céu? // Ao lado / daquele ser disperso / em tudo / Seiva luminosa / tão acima // Nenhuma lembrança / fere ou diz / aquilo que foi.” É o outro Alvim? O reverso do veneno? Não se trata de veneno, mas de sentimento. A partir dessa perspectiva, não há reverso: é tudo uma coisa só. Minha poesia trabalha com os sentimentos, com o mar de sargaços dos sentimentos; meus e dos que eu imagino, dos outros. Contraditórios, conflitivos, confusos, evasivos, o fato é que sem eles não há vida, o mundo deixa de existir. O mal absoluto, a morte em vida, é a ausência de sentimento. Quando existem, não importa se negativos, há esperança, pois sinalizam um organismo vivo.

**O que você vê de interessante no cenário da poesia brasileira hoje? Você acredita que se está lendo mais poesia no Brasil e isso tem se refletido no espaço que a literatura em geral tem conquistado?**  
Há muita coisa de interesse.

Senão, veja; entre os que partiram: Cacaso, Sebastião Uchoa Leite, Carlos Pena Filho, José Laurênio de Melo, José Godoy Garcia, Bruno Tolentino, Fernando Mendes Viana, Ana Cristina César, Orides Fontela, Maria Ângela Alvim, Marly de Oliveira, Leminski, Hilda Hilst, Lélia Coelho Frota, Piva, João Carlos Pádua, Mario Faustino, Torquato Neto, Haroldo de Campos. Entre os que ainda estão por aqui: Geraldo Carneiro, Eudoro Augusto, Luiz Olavo Fontes, Charles, Chacal, Ronaldo Brito, Vera Pedrosa, João Moura, Affonso Henriques Neto, Paulo Henriques Brito, Armando Freitas Filho, Otávio Mora, Affonso Romano de Sant’Anna, Maria Lúcia Alvim, Adélia Prado, Antonio Cícero, José Almino, José Carlos Capinam, Augusto de Campos, Décio Pignatari, Francisco Marcelo Cabral, Zulmira Ribeiro Tavares, Davino Sena, Luiz Meyer, Antonio Fantinato, Astrid Cabral, Lu Menezes, Carlito Azevedo, Sebastião Nunes, Maria Lúcia Verdi, Guilherme Mansur, Ricardo Aleixo, Donizete Galvão, Alberto Martins, Régis Bonvicino, Ulisses Tavares, Fabio Weintraub, Ângela Melim, Elizabete Veiga, Glauco Matoso, Nelson Archer, Frederico Barbosa, Arnaldo Antunes, Fabrício Corsaletti, Sérgio Alcides, Ronaldo Polito, Heitor Ferraz, Claudia Roquete Pinto, Augusto Massi, Fernando Paixão, Nicolas Behr, Paula

Glenadel, Leonardo Froes, Sergio Bath, Marília Garcia, Ricardo Domeneck, Ângela de Campos, Alice Sant’Anna, Priscila Figueiredo, Ferreira Gullar, Nauró Machado, Manoel de Barros, Zuca Sardan. A lista não é exaustiva. O conjunto mencionado, contudo, já impressiona – pelo menos a mim – pela variedade e consistência dos caminhos que tomou nossa poesia. Lê-se mais poesia? Há poetas, dentre os mencionados, como Gullar, Haroldo de Campos, Manoel de Barros, Adélia Prado, Leminski, Ana Cristina que certamente já alcançaram tiragens expressivas. Aparentemente, editam-se mais livros de poemas do que há poucos anos atrás. Cresce o número de iniciativas as mais diversas como encontros, debates e leitura de poesia; grupos de poetas se organizam para atuar coletivamente; há muita coisa acontecendo na internet. Surge com grande energia uma “movida” poética na periferia e favelas das grandes cidades brasileiras. Instituições públicas e privadas se interessam pelo gênero. Revistas de poesia já existem numerosas no país, algumas contando a favor muitos anos de percurso, fato inédito em nossa história literária. Há inegavelmente mais recursos financeiros públicos e privados disponíveis para a promoção de iniciativas envolvendo a poesia. Na Universidade, observa-se certo reboiço em torno do assunto. Muitos poetas acima citados já estão sendo nela estudados. Ali também

se multiplica a realização de cursos, seminários e encontros sobre poesia brasileira contemporânea. Das gerações mais recentes começa, inclusive, a surgir uma nova leva de críticos. É curioso como tal quadro, provavelmente indicativo de mais e melhores leitores de poesia, coexiste com a sensação de irrelevância que o gênero pode despertar na atualidade. Mas isso é um outro assunto que pediria um novo conjunto de perguntas.

**Você sempre foi associado à poesia marginal, embora seus livros apontassem para elementos que ultrapassavam uma certa noção de poesia marginal. Como você vê essa relação?**  
Tenho muita gratidão e afeto por aqueles poetas. O convívio deles garantiu a cota de camaradagem e felicidade sem a qual a travessia daqueles anos de opressão teria sido muito mais penosa. Com eles afinei ademais meus instrumentos e um certo modo de encarar as relações entre vida e poesia.

**Que poesia o Francisco Alvim lê hoje, seja na literatura brasileira, seja na estrangeira?**  
Minha leitura é bastante anárquica. Com os anos, então... Começo um livro de poemas, passo pelo meio de outro, e termino num terceiro. O livro pode ser de um poeta brasileiro ou não; um poeta de agora ou de sempre. Releio muito.

**Fábio Andrade** é escritor e responsável pela editora Moinhos de Vento

## PROJETO EDITORIAL

COLAGEM DE KARINA FREITAS UTILIZANDO OBRAS DE RENÉ MAGRITTE



# Livros como um quadro de Magritte

**Kelvin Falcão Klein**

**Quando levei o material** com minhas conversas com Enrique Vila-Matas (anotações, gravações, fotos) ao meu editor, ele disse o seguinte: “A entrevista é um dos gêneros literários que mais gosto”. Começamos, então, a relembrar nossos livros de entrevistas prediletos. Ele escolheu as conversas de Julio Cortázar com Ernesto Bermejo. Eu escolhi as de Claude Lévi-Strauss com Didier Eribon. Meu livro seria o primeiro do gênero publicado pela Modelo de Nuvem, e era preciso acertar os detalhes, era preciso acertar o tom, um tom que levaria ao meio do caminho, entre a apropriação e a criação.

Passamos a discutir um ponto que parece recorrente nessas conversas: o entrevistado frequentemente faz referência ao acaso para explicar o início de sua produção, seja ela ficcional, crítica ou ambas. Passamos a revisar, em nossa discussão, todas essas conversas que conseguimos lembrar (Borges com Osvaldo Ferrari, Truffaut com Hitchcock, Paul Valéry com Edgar Degas etc), e o acaso sempre aparecia. Talvez o acaso com outras máscaras, o acaso como uma força que empurrava o sujeito numa direção oposta àquela que ele desejava, e só muitos anos

depois descobre-se que, no fim das contas, o “caminho oposto” era o melhor caminho.

Nesse momento, Marco, meu editor, que é também médico e poeta (ele tem uma foto de André Breton em sua mesa de trabalho, Breton com o uniforme militar de médico, durante a I Guerra Mundial), me contou uma história que ele disse ter ouvido de sua avó, quando pequeno, em Uruguaiana, sua cidade natal.

Era a história de um sacristão, um auxiliar de padre, que, depois de mais de 20 anos de trabalho dedicado, é dispensado por ser analfabeto – havia chegado uma ordem da hierarquia eclesiástica determinando que todas as pessoas empregadas pela Igreja tinham que saber ler e escrever.

O ex-sacristão, furioso com o absurdo da situação, foi embora. No longo caminho para casa, sentiu vontade de fumar, e viu que não havia nenhum lugar que vendesse cigarro nas redondezas. Diante disso, pegou o pouco dinheiro que tinha e investiu na montagem de uma tabacaria, depois abriu outra, e mais outra e mais outra, até que, passados alguns anos, ficou rico.

O ex-sacristão tinha tanto dinheiro, contava Marco, que precisou abrir uma conta num banco. O diretor, ao descobrir que ele não sabia como preencher formulários ou assinar seu nome, ficou muito surpreso e disse: “Se o senhor, sem saber ler e escrever, ganhou

tudo esse dinheiro, imagine onde estaria se fosse alfabetizado”. E o ex-sacristão imediatamente respondeu: “Eu sei exatamente onde estaria: limpando o chão de uma igreja por um salário miserável”.

Marco não explicou a história, simplesmente deu risada e partiu para outro assunto, mas eu penso que ela serve de imagem para a seguinte constatação: nada mais falso do que a fronteira que separa vida e ficção. Ou ainda: a vida é tão verossímil quanto a história mais pitoresca de Bohumil Hrabal ou Witold Gombrowicz. Tudo na vida existe para levar a um livro, e vice-versa. A literatura opera a partir do excesso, transbordando para o cotidiano. A verdadeira tarefa não é identificar a realidade como uma ficção, mas mostrar que pode haver algo na ficção que é mais do que literatura, porque a realidade é tão “construível” quanto a ficção.

Quando eu disse isso ao Marco, fiquei sabendo que a sua editora, a Modelo de Nuvem, tinha sido criada justamente para investir nesse intervalo tão pouco observado entre realidade e literatura. “Pense, por exemplo, num quadro de René Magritte”, disse Marco. “Foi de lá que tiramos o nome da editora e o símbolo do guarda-chuva”, ele continuou, como se abrisse um parêntese. “Um quadro de Magritte, como aquele que mostra um homem que contempla a própria nuca no reflexo do espelho, ou aquele das botas que se tornam

**Marco  
Polo**

**MERCADO  
EDITORIAL**

**CRÔNICAS**

### Global Editora lança coletânea de crônicas de Raul Pompeia, revelando um intelectual engajado e atento

Mais conhecido por duas obras-primas, o romance *O Ateneu* e os poemas em prosa de *Canções sem metro*, Raul Pompeia (ao lado) militou intensamente na crônica de jornal. Na verdade, estreou nela aos 17 anos, já se revelando como o que, a partir de Sartre, se denominou “intelectual engajado”, ou seja, comprometido com a realidade política de seu tempo. A Global está lançando uma

seleção de crônicas do escritor paulista, feita por Cláudio Murilo Leal. Nela estão desde este lado militante como as crônicas sobre o cotidiano da cidade: festas populares e cívicas, pequenas comédias e tragédias, problemas urbanos etc. Ao contrário da forte estilística que marca seus escritos mais “sérios”, predomina aqui a linguagem direta, incisiva e clara.

DIVULGAÇÃO



## CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I** Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
1. Contribuição relevante à cultura.
  2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
    - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
    - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;
  3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemple a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.
- II** Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.
- III** Os textos devem ser entregues em quatro vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor.
- IV** Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.
- V** Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.
- VI** Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

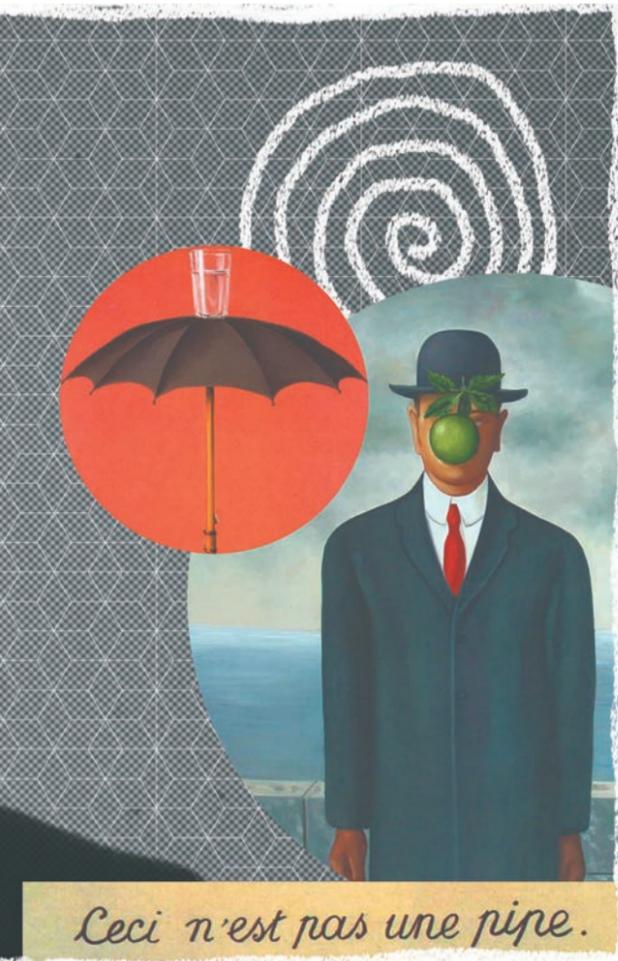
**Companhia Editora de Pernambuco**  
Presidência (originais para análise)  
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro  
CEP 50100-140  
Recife – Pernambuco



Secretaria  
da Casa Civil



**PERNAMBUCO**  
GOVERNO DO ESTADO



sobre um escritor tão atípico não poderia ser convencional. Não poderia ser o tipo de livro que você “pode contar a história”, ou “resumir a trama”. Precisávamos de um livro que pudesse implodir fronteiras, como fazem os livros de Vila-Matas ou os quadros de Magritte. Mesmo que ficasse apenas na tentativa, isso não retirava o imperativo de que era preciso tentar. A partir daí, foram inúmeras leituras e reescrituras do texto, até que o produto final pudesse ser chamado de “livro” e esse livro pudesse ser chamado *Conversas apócrifas com Enrique Vila-Matas*. Foram necessários os três editores da Modelo de Nuvem para polir o texto bruto: Marco de Menezes, Camila Cornutti e Cristian Marques.

## A editora Modelo de Nuvem acredita que tudo neste mundo existe para virar um livro e vice-versa, por que não?

pés, um quadro de Magritte é a possibilidade de ver o mundo a partir de outro filtro, numa espécie de combinação diabólica do possível com o impossível”.

Se Magritte, com suas imagens do desejo que sempre foge, era um dos modelos para a Modelo de Nuvem, eu estava autorizado a concluir que a escritura de um livro jamais termina, ela está sempre recomeçando. Algo semelhante a isso pensava Walter Benjamin, quando, em *Rua de mão única*, afirma que a obra é a máscara mortuária da ideia: a concepção estará para sempre circulando, ainda que o livro esteja pronto.

Antes que as *Conversas apócrifas com Enrique Vila-Matas* chegassem à Modelo de Nuvem, ela já contava com um breve e poderoso catálogo de poesia – inclusive *Fim das coisas velhas*, do próprio Marco de Menezes, ganhador do Prêmio Açorianos de Literatura em 2010 (em duas categorias: poesia e livro do ano). E como a poesia sempre soube manter em si a ideia da escrita como um desenho (como um capricho caligráfico), me pareceu natural que os livros editados pela Modelo de Nuvem fossem tão bonitos. A poesia é também um filtro diante do mundo: “Poesia / extravio da bagagem / em outra margem”, como diz um dos versos de *Fim das coisas velhas*. Quando Marco me disse “Será um prazer publicar o seu livro sobre Vila-Matas”, eu pensei comigo: “Espero que eu ganhe uma capa tão linda quanto as outras”.

Mais do que uma capa, ganhei um livro inteiro. Marco já era um leitor de Vila-Matas, o que facilitou nosso processo de aproximação e a posterior recepção do livro. Nós dois sabíamos que um livro

A capa é simples: uma fotografia de Fabiano Scholl mostra uma velhinha simpática de avental, usando um telefone público na calçada de uma cidade qualquer (quando Fabiano me mostrou a imagem, tentei adivinhar: disse que era Buenos Aires; depois fiquei sabendo que não, que é Arequipa, no Peru). A capa de *Conversas apócrifas...* segue uma lógica muito própria da Modelo de Nuvem: fotos originais, de fotógrafos jovens e talentosos, que iluminam o texto que guardam e que contribuem com esse texto trazendo ideias a partir da imagem. O projeto gráfico dos livros consegue ser vívido e impressionante sem precisar “lembrar” algum visual alheio, de sucesso anterior. Tudo converge na apreciação material do texto: a fonte utilizada, o tipo e a cor do papel, o espaçamento das linhas, a paginação.

Ao percorrer o livro, fico tentado a achar que aquela velhinha simpática da capa é uma cúmplice, alguém que guarda um segredo a respeito do meu próprio livro, habilmente escondendo a boca, para que eu não saiba se fala sério ou se brinca. Essa é uma das maiores potências da imagem: ao mesmo tempo em que nos oferece tanto, tantas possibilidades de leitura e de questionamento, algo nela permanece sempre enigmático, impossível. Editar um livro ao lado de pessoas tão sensíveis, como essas que encontrei na Modelo de Nuvem, dá margem para a seguinte conclusão: a leitura pode não mudar o mundo, mas nos dá amigos, e isso deve bastar.

**Kelvin Falcão Klein** é autor de *Conversas apócrifas com Enrique Vila-Matas*

### LANÇAMENTOS

#### Cepe tem novos títulos de coleção infantojuvenil

Além de nove títulos já nas livrarias, a Cepe Editora estará lançando mais três livros de sua Coleção Infantojuvenil na Flipporto, que acontece na Praça do Carmo, em Olinda, de 11 a 15 deste mês. São eles *Nasci pra ser Madonna*, de Gisele Werneck, com ilustrações de Hallina Beltrão; *Histórias do Encantareê*, de Rejane Paschoal, ilustrado por Rogério Soud; e *Em memória*, de Júnior Camilo Gomes, com desenhos de Pedro Zenival.

### INVISÍVEIS

#### Novela *Calentura*, de Teresa Cristófani Barreto, faz ficção sobre a vida do escritor cubano Virgilio Piñera

Acontece. Alguns livros de qualidade tornam-se invisíveis, seja por indiferença do público, seja por apatia da crítica. Ocorreu com a trilogia *Sabedoria do nunca, Ignorância do sempre e Certeza do agora*, de Juliano Garcia Pessanha, e com *Calentura*, da Iluminuras, uma novela (gênero literário que fica entre o conto longo e o romance curto) de Teresa Cristófani Barreto. É uma falsa

biografia do escritor cubano Virgilio Piñera (1912-1997), que desde menino descobriu três coisas que o marcariam para sempre: era homossexual, pobre e amava a arte. De estrutura pós-moderna, o livro mistura ficção com realidade, embaralha tempos e, ora em primeira, ora em terceira pessoa, incorpora textos e personagens de Piñera e outros autores, além de relatórios policiais da repressão comunista.

## CAPA



# As grandes perguntas que formam um guru

Entenda o pensamento do polêmico Deepak Chopra, convidado da Fliporto 2011

**Daniela Arrais**

**Em uma rápida pesquisa** sobre Deepak Chopra na internet, o usuário FidoDido lança a pergunta em um fórum: “O que acham de Deepak Chopra? Gênio ou charlatão?” As respostas surgem rapidamente. Alguém que escolheu o apelido de Kracman diz que o guru é “um Paulo Coelho sofisticado”. Ao que Sai.ram retruca dizendo que ele “sabe das coisas”. Tabacof sobe o tom: “Alguém que propaga uma ideia completamente retardada como a da cura quântica perde toda a credibilidade”.

Deepak Chopra, o guru indiano que fez fama e fortuna ao exaltar a meditação como passaporte para uma vida melhor, é tudo, menos uma unanimidade. Para quem lê seus livros e segue seus ensinamentos, ele é responsável por mudanças no rumo da vida. Para quem faz um raio-x de sua atuação, que vai de palestras pelo mundo à música feita em parceria com Madonna (*Bittersweet*), ele é o retrato da autoajuda travestida de religião.

Alguns números talvez sirvam para que Deepak flutue acima de qualquer questionamento. Desde 1998, ele já vendeu mais de 30 milhões de livros,

segundo a revista *Forbes*. Seu império engloba da venda de chás a programas de perda de peso. As 40 palestras que costuma dar a cada ano rendiam, em 2007, mais de US\$ 2 milhões. Em um programa de TV de comédia, ele chegou a brincar, dizendo que não era um “profeta”, mas um “lucro” – a piada faz sentido em inglês, em que as palavras “prophet” e “profit” têm pronúncia semelhante.

Mas, como bom guru espiritual, Deepak Chopra paira acima dessa questão tão mundana que é o dinheiro. Em uma entrevista ao *The Guardian*, relativizou o alcance de sua fortuna. “Eu cheguei aos Estados Unidos, vindo da Índia, com 22 anos e US\$ 8. Tenho 61 anos agora [2008] e, obviamente, conquistei um monte. Mas as pessoas superestimam minha riqueza.” E continua: “Eu não acumulei em um sentido tradicional. Mas me considero extremamente rico porque isso é um estado de consciência. Se você tem bilhões de dólares mas está sempre pensando em dinheiro, você não é um homem rico.” Ponto para ele, que consegue ser rico nos planos material e espiritual.

O que importa aqui, no entanto, não é riqueza

HALLINA BELTRÃO



de conta bancária, mas aquela que você alcança quando encara os problemas da vida com serenidade - e, logicamente, consegue resolvê-los. Desta vez, mais uma vez, Deepak Chopra tem o que ensinar, baseando-se em sua própria trajetória. “Na minha vida, nada dá errado. Quando as coisas parecem não atender às minhas expectativas, eu as deixo ir, como acho que elas devem ser. É uma questão de não ter apego a qualquer resultado fixo.”

Talvez seja por isso que seus livros vendam tanto. Para aqueles que já tentaram algumas sessões de análise, outras tantas idas a igrejas, mais algum aconselhamento espiritual, livros de autoajuda funcionam como mais uma tentativa. Afinal, a questão é não ter apego a qualquer resultado fixo. Vale tentar de tudo para ser alguém melhor, para ter uma vida mais feliz.

Para mostrar como o desapego é uma palavra que surgiu cedo em sua vida, Deepak Chopra deixou de lado a carreira de médico para se dedicar à cura dos males da mente e do espírito. Quando encontrou um manual de meditação transcendental em um sebo em Boston, nos idos dos anos 1980, viu sua vida se transformar: largou a rotina de chefe de equipe em um grande hospital e foi se conectar ao mundo transcendental. Descobriu um filão e tanto.

Hoje, é dono de um império. Ao *The New York Times* definiu sua atuação: “Eu fui treinado como médico. Eu fui à escola médica porque queria fazer as grandes perguntas. Nós temos uma alma? Deus existe? O que acontece depois da morte?”

Foi em busca de resposta a essas e a outras questões da humanidade, que Márcia de Luca, 59, foi visitar a Índia pela primeira vez, há 27 anos. Foi ali que a hoje professora de ioga começou a entrar em contato com a *ayurveda*, o sistema de medicina indiana criado há mais de seis mil anos. “Andando pela cidade, via muitos livros do Deepak e sobre a *ayurveda*. Fui estudando com ele”, lembra.

Depois de assistir a uma reportagem no *Fantástico* sobre o guru, decidiu visitar o centro que ele tem em La Roya, na Califórnia. Lá, os problemas da mente e do espírito ganham tratamento cinco estrelas. Marcia passou três anos estudando com Deepak Chopra, na ponte aérea Califórnia-São Paulo. “Foi maravilhoso. Eu estudava, fazia lição de casa, não só com ele, mas com vários outros mestres. Descobri a paixão da minha vida”, conta ela.

Naquela época, há quase 30 anos, a turma era formada por cerca de dez pessoas. “Ele ainda dava alguma formação. O que aprendi foi diretamente com ele, que era uma pessoa acessível, mas que já estava começando a ficar ocupado.” Hoje, Márcia comanda o Espaço Marcia de Luca, em São Paulo, onde aplica técnicas milenares de ioga, *ayurveda* e meditação.

#### SOM PRIMORDIAL

O empresário Luciano Gosuen, 43, ainda não leu livros de Deepak Chopra, mas já pratica seus métodos - em especial, o som primordial. “Não faz muito tempo, mas veio em um momento em que procuro ampliar minha consciência na busca de autoconhecimento e compreensão na minha relação com a divindade que existe dentro de cada um.”

Bom aluno que é, Luciano dá mais detalhes sobre a técnica: “Com o som primordial, partimos do pressuposto que, no seu nível mais básico, tudo no universo é som e vibração. Para podermos promover a união entre ambiente, corpo, mente, alma e espírito (propósito do ioga), utilizamos o som primordial como mantra e veículo para nos levar para dentro dessa jornada. O mantra é individual para cada praticante e identificado, segundo antigos conhecimentos da Índia, pelo som primordial em que o universo vibrava no momento de nosso nascimento.”

A economista e escritora Jhanayna Siqueira, 37, também dá os primeiros passos - ou uivos - para alcançar o som primordial. “A gente aprende que o

som que vibrava no universo no momento de nossos nascimentos está diretamente conectado com nossa mente e que estabelecer essa conexão é essencial para atingirmos a paz interior”, diz.

Foi por buscar silêncio que a cineasta Bruna Granucci, 26, conheceu Deepak Chopra. Ela ganhou de presente de um amigo o best-seller *As sete leis espirituais do sucesso* e dedicou um tempo a pensar sobre a necessidade de ausência de ruído em sua vida. “Não somente o silêncio interior, que nos transporta para um estado de limpeza e calma mental, mas a prática do silêncio durante as situações que a gente vive”, explica.

Com Chopra, Bruna aprendeu que a quantidade de energia que alguém perde tentando convencer alguém de uma opinião poderia ser canalizada na busca por coisas que se quer alcançar. “Assim, você consegue essas coisas com mais sucesso.” Ensino simples, mas eficaz se colocado em prática. Para ela, toda prática de meditação é “extremamente rica e misteriosa em seus benefícios”. “Acredito que o fato de parar o que se está fazendo, diminuir o ritmo, silenciar-se, voltar-se para dentro e olhar para si não somente influencia a saúde mental, mas também a saúde física de alguém.”

A designer Carol Vinagre, 28 sempre gostou de buscar autoconhecimento pela literatura. “Acho que todo tipo de literatura é um pouco terapêutica, de autoajuda, mesmo quando não é enquadrada nisso”, diz a carioca. O interesse por Deepak Chopra surgiu depois que ela leu uma resenha sobre o livro *A realização espontânea do desejo*. “Eu estava em busca de mim mesma (uma constante) e de meu lado sombrio. Acabei lendo esse livro e, depois, *As sete leis espirituais do sucesso*. O que aprendi com esses livros foi a escutar mais a mim mesma e a olhar mais atentamente para o meu corpo, para o lado psicológico e o espiritual de uma maneira mais inteira, e não fragmentada.”

Para ela, Chopra se tornou um fenômeno por usar uma linguagem fácil e aliar ciência e espiritualidade de uma maneira muito interessante. “(A abordagem dele) vem de encontro ao vazio que encontramos atualmente em um mundo exacerbadamente capitalista, fragmentado. Ele sugere como poderíamos juntar esses fragmentos.”

As críticas negativas que o guru recebe são resultado dessa mistura, segundo Carol. “A questão da espiritualidade é colocada, quase sempre, no mesmo pacote da autoajuda. É claro que existe o mercado dessa literatura fácil, de receita de bolo. Os ensinamentos do Dalai Lama são autoajuda? Outros autores de que gosto muito e que escrevem muito bem sobre espiritualidade são o teólogo Leonardo Boff e o monge Anselm Grun. Seriam eles escritores de autoajuda? Para mim, não. Eles refletem sobre a vida e as relações humanas.”

Para Luciano, aquele que começou a buscar o som primordial, os questionamentos em relação a Deepak Chopra podem ser fruto de sua habilidade de “conseguir comunicar para uma cultura ocidental, contemporânea e materialista conceitos que vêm de uma cultura milenar oriental espiritualista”. “Penso que existe muita coisa que precisamos conhecer sobre nós e sobre nossa relação com o divino e seu poder de cura. Faz sentido para mim que muitas doenças e desequilíbrios de saúde que vivemos hoje possuam uma origem psicossomática”, atesta.

Mesmo sendo um entusiasta das práticas milenares, Luciano acredita que as críticas são saudáveis. “É do dever de quem se interessa pelo assunto estudar, praticar e discernir sobre o que interessa para cada um.”

Para Bruna, a que faz cinema, “qualquer pessoa que se encoraje a apresentar uma alternativa à maneira de viver da grande maioria das pessoas terá que aguentar um bocado de críticas”.

“Eu sou como uma pessoa que está cantando no banheiro e está se divertindo e algumas pessoas estão ouvindo a música e elas gostam”, já disse o guru, simplificando de maneira perspicaz todo o verbo que gastam com ele. Verdade ou não, melhor a gente se juntar a Bruna, Carol, Luciano, Jhanayna e Márcia - e, claro, Madonna, Demi Moore, Michael Douglas, Winona Ryder e tantos outros - para tentar descobrir se tanta vontade de mudar a vida é suficiente para mudá-la de fato. Se der errado, lembremos do mesmo Deepak Chopra: afinal, cantar debaixo do chuveiro é a maior diversão.

**Daniela Arrais** é jornalista e responsável pelo blog [donttouchmymoleskine.com](http://donttouchmymoleskine.com)

## CAPA

# Alguém que lhe ajuda a ver claro no escuro

Os caminhos que você pode seguir para conseguir um mestre para chamar de seu

Fellipe Fernandes



**Como a literatura tem** nos mostrado, nossa vida é determinada por escolhas. Macunaíma passou por baixo do arco-íris. Tieta voltou para sua cidade natal. José Arcádio resolveu que ali era um bom lugar para fundar Macondo. Ulisses se levantou da cama aquele dia. Macabea quis atravessar a rua. Através de decisões, por vezes banais, vamos traçando um caminho. Como não existem mapas nem fórmulas é normal sentir-se perdido diante da infinidade das possibilidades oferecidas. Por isso, às vezes é preciso alguém que seja capaz de nos mostrar onde está a luz. Esse é o papel do guru. Função, aliás, que está na origem da palavra: uma das etimologias do termo guru, que em algumas culturas designa professor, explica que em sânscrito uma das sílabas da palavra significa luz e a outra escuridão. Os gurus estão aí, portanto, para iluminar nossas vidas, nos afastar da sombra e nos guiar pelo caminho da luz.

Mas questões, antes tão definidas como luz e sombra assumem também um grau de relatividade num mundo onde pensar como o outro é essencial para se respeitar a diversidade. Assim, tornam-se diversos os faróis e variadas suas luzes. A palavra necessária para te levar à luz pode vir de alguém, ou algo, muito distante da imagem cristalizada do guru de turbante que transcende a existência terrena. Então como encontrar e reconhecer aquele que vai te levar à iluminação?

Quando tinha 30 anos, Maristela Lupe entrou numa crise existencial. Entre dúvidas e questionamentos pessoais, ela precisou de uma mudança drástica. Resolveu procurar um novo caminho, uma nova forma de viver. Tentou diversas filosofias alternativas e nada parecia funcionar, não foi fácil encontrar um modo de vida que lhe empolgasse. Até que deu de cara com a ioga e mergulhou de cabeça em sua prática e filosofia. Nesse mergulho, acabou tomando contato com os ensinamentos de dois gurus, que logo reconheceu como mestres. “Tive acesso aos ensinamentos de Sri Aurobindo e Mirra Alfassa em

um retiro e daí em diante compreendi a importância e o valor de reconhecer os ensinamentos dos mestres. Um guru autêntico promove verdadeiramente o crescimento pessoal e espiritual do discípulo. Os ensinamentos que ele transmite são para nos libertar de nossos condicionamentos errôneos”. Hoje com 43 anos, Maristela, que conta algumas visitas à Índia no passaporte e diversos cursos no currículo, tem um centro onde dá aulas de ioga e meditação no Recife.

A filosofia da ioga era o eixo que Maristela procurava. A busca teve origem pessoal, procurou porque acreditava que precisava de algo que não estava encontrando em lugar algum. Mas nem todos têm consciência dessa necessidade. É isso que as investidas midiáticas de guias como Deepak Chopra tentam nos dizer. Aqui no ocidente os gurus ficaram famosos por oferecer eixos e rumos para os que andam apressados em meio às avenidas materialistas. Essa imagem do exótico mestre indiano, um sábio de roupas leves e soltas, começou a ser forjada deste lado do planeta no final da década de 1960. Foram os garotos de Liverpool os primeiros a se encantar com a prática da meditação transcendental e emprestaram seus holofotes para um indiano de barba longa e cabelos compridos. Para muita gente, Maharishi Mahesh Yogi, o indiano que abriu os caminhos espirituais dos Beatles (morto em 2008, aos 91 anos), continua sendo a personificação da figura do guru. A partir dele, uma enxurrada de guias espirituais foi importada, todos prometendo a mesma paz de espírito, felicidade e por vezes sucesso.

Dessa linha descende Deepak Chopra. No ano em que lançou o primeiro livro, no entanto, ele rompeu oficialmente com Maharishi, disse que o mestre indiano cerceava sua liberdade de expressão. A partir dali a relação dos gurus com a mídia deixou de ser passiva e os guias espirituais passaram a ter uma participação cada vez mais sólida na cultura pop.

A silhueta do guru reapareceu recentemente no

HALLINA BELTRÃO



best-seller de Elizabeth Gilbert. Em *Comer, rezar e amar*, a escritora norte-americana relata como deixou pra trás uma depressão, herança de um divórcio e de um relacionamento desastroso, viajando pelo mundo à procura de um novo rumo. No livro, Elizabeth explica o conceito de guru empregando também a referência à luz e à escuridão, quebrando o preconceito que muitas leitoras tinham com a ideia de um mestre espiritual como um ser inacessível que fala através de metáforas. “Para nós ocidentais é difícil entender e mais difícil ainda aceitar um guru. Nossos olhos não enxergam fundo o suficiente e isto é um grande obstáculo quando se trata de identificar um verdadeiro mestre”, pondera Maristela.

Basta paramos um pouco pra refletir sobre a função do guru, entretanto, que constatamos que o caminho para luz não necessita passar pela oração ou meditação. As palavras que nos ajudam a fazer nossas escolhas podem vir de fato de qualquer lugar. A jornalista americana Wendy Shanker, por exemplo, encontrou seu caminho com ajuda da diva Madonna. Fã da musa pop desde a infância, Wendy acaba de lançar o livro *Are you my guru? How medicine, meditation and Madonna saved my life* (Você é o meu guru? Como medicina, meditação e Madonna salvaram a minha vida). Ela conta como sua relação com a cantora a ajudou a lidar com uma rara doença autoimune e, entre coreografias e roupas de couro, guiou seu modo de ver a vida. “Um guru é como um pai que cria uma criança para que ela floresça sozinha. Que valores Madonna nos transmite? Poder feminino, consciência corporal, tolerância religiosa e sexual, ciclos de imperfeição e sucesso e desenvolvimento do self”, explica a jornalista num artigo publicado ano passado no *The Guardian*.

“Nos dias atuais, onde em grande parte tudo se tornou um produto de consumo, a escolha de um mestre tornou-se tarefa complicada. Cada um terá de batalhar por esse conhecimento e com sinceridade no propósito certamente descobrirá seu caminho e

seu mestre”, alerta Maristela, reformulando aquela velha máxima “quem procura acha”.

Mas na maioria das vezes não é preciso nem procurar, basta reconhecer. Luiz Otávio Pereira, 34 anos, não estava muito satisfeito com o emprego que tinha há cerca de três anos. Jornalista por formação, Luiz Otávio sempre esteve mais interessado em trabalhar com o cinema, mas na época era impossível viver só da sétima arte no Recife. Pra pagar as contas se viu obrigado a aceitar um trabalho que não lhe dava tanta satisfação pessoal. Mas não reclamava muito, foi levando as coisas como podia. Até que se deparou com uma entrevista de Fiona Apple.

Ele sempre gostou da cantora norte-americana. Acompanha sua carreira desde o lançamento do primeiro álbum, em 1996. O fato de terem a mesma idade, além da admiração pelo talento dela, aumenta a proximidade entre eles. Entraram juntos na vida adulta e acreditam que as coisas são bem melhores aos 30 que aos 18. Em determinado momento da entrevista, o repórter perguntava à cantora sobre o motivo de ela ter passado tanto tempo sem produzir e sem fazer shows. Fiona respondeu apenas que não estava fazendo nada porque não queria. “Ela disse que só tinha pensado em parar, queria viver um pouco sua própria vida sem precisar se preocupar em produzir. Eu achei isso massa, porque é exatamente assim que tem que ser. Ninguém tem que fazer nada só porque se sente obrigado”. Luiz deixou o emprego, voltou a morar com os pais e passou a se dedicar exclusivamente ao cinema. Hoje assina o roteiro de algumas obras da safra recente do cinema pernambucano e se prepara para dirigir um curta-metragem no início de 2012.

Assim como a música, a literatura tem oferecido ao longo das décadas mestres capazes de iluminar os caminhos. Oswald de Andrade, anos após sua morte, foi capaz de servir como farol para toda a geração tropicalista. No fim da década de 1960, *Manifesto an-*

*tropófago* é apropriado e reinventado por uma nova leva de artistas e intelectuais. Ainda hoje as ideias de antropofagia cultural fazem parte da filosofia criativa do Teatro Oficina (remanescente da efervescência tropicalista). O encenador José Celso Martinez Corrêa, diretor do grupo paulista, ocupa ele mesmo o papel de guru para diversos atores que o tomam como mestre na vida artística. Casos como o de Zé Celso não são incomuns. Bob Dylan é outro exemplo claro de alguém que se divide nos papéis de discípulo e mestre. Ainda que seus ensinamentos não sejam transmitidos de maneira explícita, Dylan já soprou no vento muitas respostas (que às vezes vieram na forma de perguntas). E, por sua vez, resolveu conhecer o mundo a partir da leitura do livro *Bound for glory*, do cantor folk Woody Guthrie, e das palavras apressadas e ritmadas de Jack Kerouac – o beatnik que iluminou várias gerações a pegar a estrada com o seu *On the road*.

Ao abrímos nossa percepção para a observação daqueles que dissipam as sombras, podemos chegar a uma cadeia sem fim de gurus e discípulos. Por isso Maristela não duvida: “Todos nós um dia fomos ou seremos professores de alguém”. Uma coisa é certa – seja seu guru um guia das estrelas de Hollywood, um ermitão hindu ou uma estrela da música pop: as respostas nunca vão vir prontas. “Eu pessoalmente acredito que seguir os ensinamentos de um guru é um processo muito individual. Ter o mérito de reconhecer um mestre e receber ensinamentos nos leva a reconhecer o sagrado que habita em nós”, diz a professora. Saber até que ponto o seu guru é apenas um espelho que reflete suas próprias angústias e revela as respostas que já estão em você, contudo, não importa. O que está em jogo de verdade é saber quantos passos ele te faz caminhar. Porque, mesmo que não haja respostas, sempre haverá um caminho para ser percorrido.

Fellipe Fernandes é jornalista.

## ENSAIO

# Por mares nunca antes navegados

Passagem de Derek Walcott na Flíporto nos faz lembrar da força do clássico *Omeros*

Weydson Barros Leal

**Durante muito tempo** desejei ter nascido em séculos anteriores ao meu. Isso porque a minha angústia e o meu desejo de leitor – ou de poeta que ansiava por grandes encontros e convivências – sonhavam com os cafés parisienses onde Baudelaire, Verlaine ou Rimbaud atravessavam as madrugadas rabiscando poemas em guardanapos; com os bares londrinos onde Poe, Keats ou Byron se misturavam aos bebedores que gritavam seus versos como hinos às paixões; ou com as ruas do Recife nos tempos em que se poderia esbarrar com Castro Alves num sarau organizado por Eugênia Câmara. O anacronismo ou a impossível sincronidade desses encontros me faziam inventá-los, transformando-me num anfitrião do sonho. Com relação ao século 20, minhas angústias recaíam sobre o meu desencontro com os jovens Bandeira e Drummond, Cabral e Murilo Mendes, o que sempre me deu a certeza de ter nascido pelo menos 20 anos atrasado. Ainda que tenha me encontrado pessoalmente com um João Cabral já maduro ou mesmo me tornado amigo de um Ferreira Gullar eternamente jovem, o desejo do encontro com os escritores que construíram parte importante do meu cânone particular sempre foi uma obsessão. O alento inevitável seria uma certa contemporaneidade moderna e a irmandade do espírito que reúne todos os poetas.

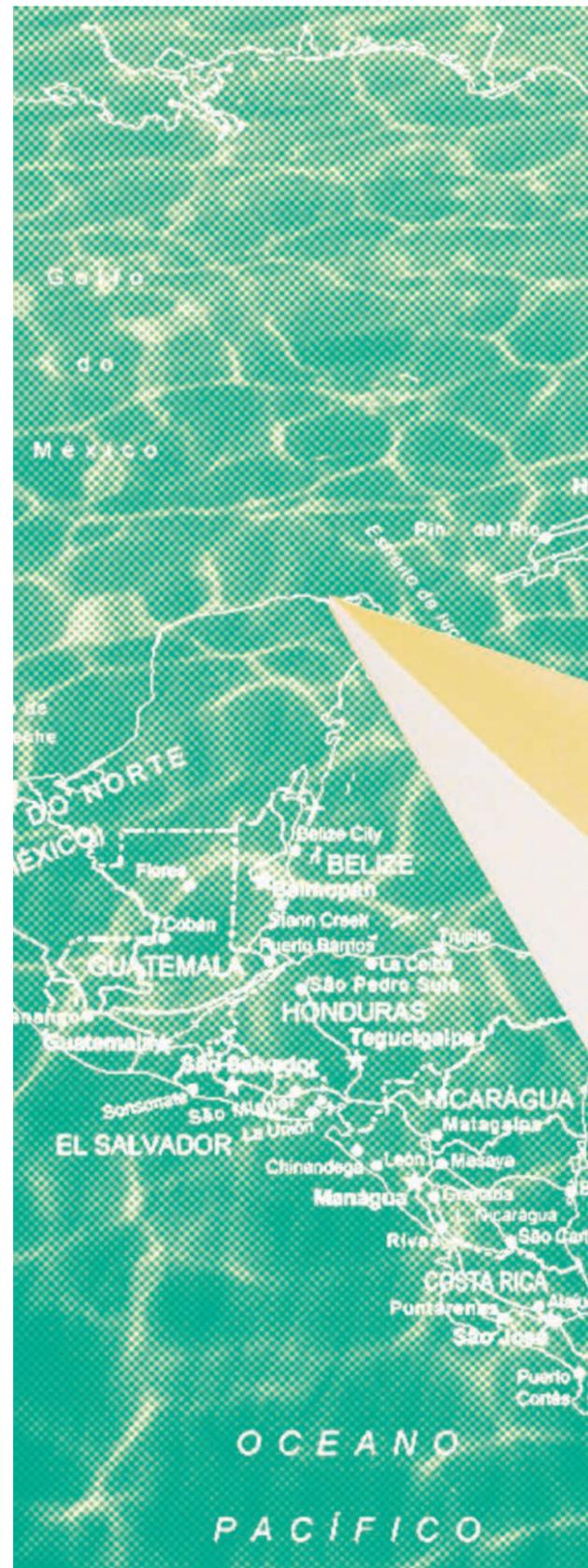
Foi em 1994 que a leitura de um livro-poema recém-traduzido no Brasil renovou em mim a alegria de ter nascido no século passado. Esse livro, ou esse poema, é *Omeros* (Companhia das Letras, 1994, 298p.), do poeta antilhano Derek Walcott. Afinal, pensei, se tivesse nascido um século antes teria perdido o incalculável prazer da leitura de um dos mais belos textos que conheci até hoje. E nisso – concluía – estou em vantagem se comparado a todos os que me antecederam: pois eu conheci a poesia de Derek Walcott e eles não. Saber-me contemporâneo desse poeta é, portanto, uma dessas felicidades a que chamamos rara.

Penso agora em *Omeros*. É preciso falar da obra-prima do poeta cuja produção literária reúne riqueza e variedade que o colocam ao lado dos clássicos e cujas qualidades já foram reconhecidas pelo maior de todos os prêmios – o Nobel de Literatura, em 1992. Para o leitor brasileiro que dispõe de tradução e edição nacionais desse livro, o mesmo deve ser citado como obra fundamental não só de Derek Walcott, mas da poesia moderna e contemporânea. Como experiência pessoal, o que posso dizer é que a leitura de *Omeros* deixou em mim a certeza de ter conhecido uma obra ímpar, sem paralelo na poesia de sua época. Isso porque a sua abordagem é resultado de uma sensibilidade moderna que, munida de toda tradição ocidental, registra uma experiência única em tempo e lugar específicos: o século 20 e a ilha de Santa Lúcia, nas pequenas Antilhas, Caribe. Por isso, como monumento poético e humanístico, essa obra eleva-se acima de mapas e cronologias, dignificando o que se entenda por permanência. Ainda como poesia, *Omeros* é uma ampla e delicada narrativa dos costumes e tradições de uma civilização sob o olhar de um homem que é parte dela, que está em cada verso, em cada imagem, em cada palavra.

Por sua abrangência, torna-se irrelevante a discussão do gênero poético de *Omeros* (se é épico ou não), o que, a meu ver, apenas o aprisiona num escaninho teórico – sempre aquém de sua grandeza –, ainda que toda poesia épica se sustente também, ou principalmente, pela força lírica de suas imagens. A favor dos que encontram no poema suficientes argumentos para uma voz épica positiva – ou seja, livre dos defeitos que resultam em equívocos ou na mera pretensão –, acrescente-se então a nota de seu tradutor brasileiro, Paulo Vizioli, quando afirma que os mitos retratados por Walcott refletem “arquétipos recorrentes, procurando por meio deles retratar homens simples – os pescadores de Santa Lúcia – na épica batalha pela sobrevivência num meio hostil (...), ou a luta pela identidade e pela integração, de um e de todos os indivíduos, de uma e de todas as raças”. Se assim, portanto, o quisermos, o poema se torna ainda mais universal (e até hodierno), constituindo-se numa metáfora dos conflitos raciais contemporâneos, consequentes das grandes migrações – os africanos e europeus do Leste deslocando-se para a Europa Ocidental; os mexicanos e outros latino-americanos invadindo ilegalmente os Estados Unidos – que enfrentam cotidianamente as batalhas da discriminação racial, cultural ou religiosa.

Imune a qualquer especulação, o que *Omeros* e toda a poesia de Derek Walcott traz em si é a força de imagens poderosas que se sucedem numa floração permanente.

KARINA FREITAS



*O tempo e o lugar de quase toda a obra do poeta Derek Walcott é o aqui e o agora dos mares e praias de sua ilha natal*

Como já observamos, o tempo e o lugar de quase toda a obra é o aqui e agora dos mares e praias de sua ilha natal, Santa Lúcia, nas Antilhas; as ruas e casas de Castries – a capital do país; o seu mercado público etc. “As bancas do mercado continham tanto a história/ das Antilhas quanto a de Roma, os frutos de um mal,/ onde os pratos-de-metal oscilantes só se equilibravam// com a lágrima férrea do peso – cada bacia de latão/ nivelava no mesmo horizonte – mas nunca iguais./

ESCREVER É VOMITAR A ALMA





como o velho e o novo mundo, com a equidade das aparências.” Ou ainda: “A glória da manhã esmaecia. A fumaça escrevia a mesma história desde a aurora do tempo. A fumaça era o tempo a se queimar.”

Algumas observações sobre os personagens de *Omeros*. Os nomes de seus protagonistas nos remetem amíúde aos heróis de seu ancestral literário grego – Homero –, que o livro obviamente homenageia. No poema de Walcott, nomes da *Ilíada* batizam seus atores, como a tríade principal Achile, Helen e Hector, que formam o triângulo amoroso da trama. Há também o preto velho Sete Mares, ex-navegador e pescador de Santa Lúcia, que é cego, bardo e profeta, uma reverência ao próprio Homero. Há ainda o negro Philoctete – dupla homenagem aos gregos Homero e Sófocles – que carrega um ferimento sem cura em uma das pernas; e a dupla Plunkett e Maud, um ex-combatente da Segunda Guerra Mundial e sua mulher – aqui a homenagem se estende à moderna literatura irlandesa (Joyce é uma lembrança recorrente nas referências que podemos anotar em Walcott). Assim como na história grega, em *Omeros*, Helen é o centro da grande batalha, ou da batalha íntima e passionnal entre Hector e Achille “pelos olhos oblíquos amendoados de sua beleza de ébano”. Em torno deles todos os outros personagens tentam vencer suas angústias com seu tempo e lugar – o lugar de suas origens, principalmente. Pois cada um, desde o inglês Plunkett até os nativos da ilha, parecem estar em busca de uma identidade com raízes locais.

Todos, de alguma forma, refletem o projeto poético e humanístico do próprio autor.

Tomando como exemplo o lançamento de *Omeros* no Brasil em 1994, creio que um dos principais problemas do mercado editorial brasileiro no campo da poesia é a carência de boas traduções como essa, ou, quando as temos, a interrupção de uma sequência de publicações que traga a público um conjunto mais abrangente de obras de um mesmo autor contemporâneo. Note-se, por exemplo, o total desconhecimento da poesia de Tomas Tranströmer – Prêmio Nobel de Literatura 2011 – no Brasil. Isso ocorre com nomes como Seamus Heaney, John Ashberry e Derek Walcott, para citar apenas três dos poetas fundamentais da poesia em língua inglesa escrita hoje no mundo. No caso de Walcott, dois títulos de sua poesia ainda carecem de imediata tradução e publicação no Brasil: *The Arkansas Testament*, de 1987, e *Selected Poems*, de 2007 – este último reunindo parte substancial de sua poesia escrita até aquele ano. No caso de *The Arkansas Testament* – que já possui tradução para o espanhol desde 1994 (Ed. Visor Madrid – *Colección Visor de Poesía*) –, apenas este livro já colocaria Derek Walcott entre os grandes poetas do século 20. Escrito e publicado três anos antes de *Omeros*, *The Arkansas Testament* reúne dois conjuntos de poemas da mesma altitude do grande livro que o sucedeu. Dividido entre *There* e *Elsewhere*, nele estão poemas escritos em (e para) Santa Lúcia (*There*) e poemas escritos em (e para) outros lugares do mundo (*Elsewhere*). O seu mais

recente livro de poemas – ou o que tenho em mãos – é *White Egrets*, de 2010.

Completando uma lista muito particular do que considero uma bibliografia básica do poeta, pensador, dramaturgo e ensaísta Derek Walcott, outros títulos seriam fundamentais para aqueles que buscam um conhecimento mais profundo desse escritor de 81 anos, nascido em Castries em 23 de janeiro de 1930. Pelo menos em poesia, *The Bounty* (1997), *Tiepolo's Hound* (2000) e *The Prodigal* (2004) devem fazer parte de uma biblioteca mínima, além dos citados anteriormente. Já na área de ensaios, *What the Twilight says* (1998) atende a uma iniciação ao pensamento crítico recente de Walcott. Além desses – o que pede mais atenção dos encenadores e críticos teatrais contemporâneos, principalmente fora dos Estados Unidos –, talvez dez de suas 20 peças de teatro poderiam ser relacionadas aqui. Finalmente – e aqui falo também como crítico de arte – é preciso não esquecer Derek Walcott como artista plástico: o poeta é um hábil aquarelista, e revela em suas pinturas a mesma força, elegância e delicadeza presentes em sua obra escrita. Aspectos humanos e culturais de sua ilha natal, em cenas com barcos, praias e pescadores são temas recorrentes em sua obra pictórica. Suas aquarelas estão nas capas da maioria dos seus livros, e iluminam, com a luz antilhana de Santa Lúcia, uma poesia inesquecível e universal.

Weydson Barros Leal é poeta e crítico literário

## ENSAIO

# Algumas notas sobre uma urbe literária

O bairro “erguido” pelo autor Gonçalo M. Tavares, convidado da Fliporto 2011

Paulo Carvalho

**1. Entre uma linha** e uma palavra, o espiral. Um pouco mais aqui, um pouco mais acolá, sempre eterno recomeço, reversão em torno de um centro que atrairá essa dança ao seu próprio movimento. Centro fixo que caminha, que se repete e se difere – mais central, mais esquivo, mais imperioso. As palavras, os números, as formas geométricas são, antes de mais, linhas riscadas, desenhos, que se juntam ao redor do mesmo limite, do mesmo desejo, da mesma ignorância. Da mesma impossibilidade de decisão. Nesse circular, além da ilusão de ter atingido o centro por caminhos que serpenteiam, *espera e esquecimento*. Sucede que, no espaço literário, os acontecimentos são centrais, chamam à indecibilidade: aquilo que pode ser vivido ou é espera – nada acontecerá – ou é esquecimento – isto nunca aconteceu –, sem pressuposição ou dependência entre os pares, ou dos pares a nenhum espaço que seja exterior ou interior – ao sujeito, ou a um tempo. Nada aconteceu, tudo é expectativa, ainda estar por vir. Emaranhado sem começos, sem presente, sem uma primeira vez. Um livro, mesmo fragmentário, possui um centro que o atrai. O centro é fora, um espaço sem lugar.

**2. Lógica do sentido.** Um devir Alice do pensamento que nos permitiria admitir que um homem muito pequeno aos saltos é um homem igual às outras pessoas – só que por menos tempo. Eis a série *O bairro*, de Gonçalo M. Tavares, aberta com pulos de certo senhor Valéry que desenhou seu sonho logicamente impossível: suspender os efeitos da gravidade e abandonar-se no ar. Sucede também que real e impossível não são termos antitéticos no espaço literário. *A irrealidade da ficção é capaz de construir uma experiência real*. E, de fato, essas experiências não são decalques biográficos. São como homenagens, diz Gonçalo. Escritores emprestam seus nomes aos donos de seus nomes? Paul Valéry em *O senhor Valéry e a lógica*; Emanuel Swedenborg em *O senhor Swedenborg e as investigações geométricas*; e o mesmo com os desenhos tênues de Bertolt Brecht, Roberto Juarroz, Ítalo Calvino, Karl Krauss, Robert Walser, André Breton. *O bairro* é uma poética geográfica em aberto e a disposição de seus personagens responde à fotografia deste momento. *Um sítio para onde algumas pessoas mudam, de onde outras saem*. Hoje, no mesmo prédio vivem o senhor Rimbaud, o senhor Balzac e o senhor Carroll. Em outra casa, moram o senhor Musil, o senhor Foucault, o senhor Wittgenstein, o senhor Beckett e o senhor Orwell. Lá longe, um ponto no meio da neve, está o senhor Walser.

**3. Nada aconteceu? Não confundir o acontecimento com sua efetuação espaço-temporal num estado de coisas.** Ao invés de reversão, falar de balbúcio, de rumor – quando as palavras se encaminham bem, quando o contorno do centro-sentido é harmonioso, quando o barulho evapora – ou, ainda, falar de *síntese disjuntiva* do acontecimento. Trata-se de uma posse inaugural. Ter o mundo antes que ele o seja, ter o mundo depois que ele não o é mais: *a teimosia que resta quando tudo desaparece e o estupor do que aparece quando não há nada*. E por que perguntar sobre o sentido do acontecimento? O acontecimento é o próprio sentido. De certo que o acontecimento pertence à linguagem, mas a linguagem é o que se diz das coisas (ou que não se diz delas). Há, nesse ponto, uma escolha ou um destino. Para uns, a ventura de pensar que a própria vida se parece frágil demais para si mesmo, a escapar em um ponto presente numa relação determinável consigo; para outros, a *ad-ventura* de pensar com saúde, tomando-se fraco demais para uma vida demasiado grande, a lançar suas singularidades por todas as partes, sem qualquer relação consigo nem com um momento presente. Apenas o instante impessoal que se desdobra em ainda-futuro e já-passado. Algo como o deserto, a impossibilidade, o neutro ou a outra noite, aqui ditos com acentos estoicos. Existe no primeiro caso, o momento presente da efetuação, de encarnação – *pronto, chegou a hora* – quando tudo é tomado enquanto um antes e depois daquele momento –, limitado pelo ponto de vista daquele que o encarna. Mas, no último caso, acena algo menos covarde, o acontecimento, em seu futuro e em seu passado, tomado em si mesmo, esquivando-se de todo presente, distante das limitações de um estado de coisas. *Tudo é impessoal e pré-individual, neutro, nem geral nem particular*. E nada adiantaria tratar um

cavalo-leitor de tração como um cavalo-leitor de corrida, ou o inverso. *Nada disso é literário*.

**4. Entre nós e as palavras há metal fundente entre nós e as palavras há hélices que andam e podem dar-nos morte.** O que do mundo deixa se envolver pela linguagem? Deveríamos separar em estábulos a linguagem e o acontecimento de um lado, e o mundo e seus estados de coisas do outro? Na verdade, estamos diante de duas formas de tomar a linguagem e o mundo. De um lado, aquela pretendida pela lógica clássica, fazendo deslizar, sobre um mundo-referência, a adequação formal de uma proposição-linguagem. Do outro lado, está um conceito – acontecimento – que segue entre linguagem e mundo, distinguindo-se, no que tange à linguagem, da proposição, e no que tange ao mundo, dos estados de coisas: *ao mesmo tempo sentido das frases e o devir do mundo*.

**5. O domínio atua sobre o corpo e sobre a expressão.** Tudo se oferece em termos de melhor e pior, de mais desejado e menos desejado. Em Gonçalo, signos linguísticos e signos plásticos insinuam uma ruptura deste domínio. *São desenhos para serem lidos, e frases que passaram naturalmente ao desenho*. Afirmação e semelhança disjungem, mas se relacionam, articulam-se, agenciam-se. É o desenho do mesmo liberado do “como se”. Nega-se a ordenação transcendente do representante, encontra-se um centro-acontecimento. Sob este olhar, o objeto que se examina e suas partes só existem em função da capacidade de dobrar-se, um sobre os outros. Sabe Gonçalo: um devir Alice do pensamento é também um devir Antonin Artaud do pensamento (um devir não imagético do pensamento). Pode-se desenhar linhas com a potência de convulsionar a linguagem. Basta que a natureza seja apaixonada nessa operação, basta que algo arraste tudo consigo, antissintaticamente.

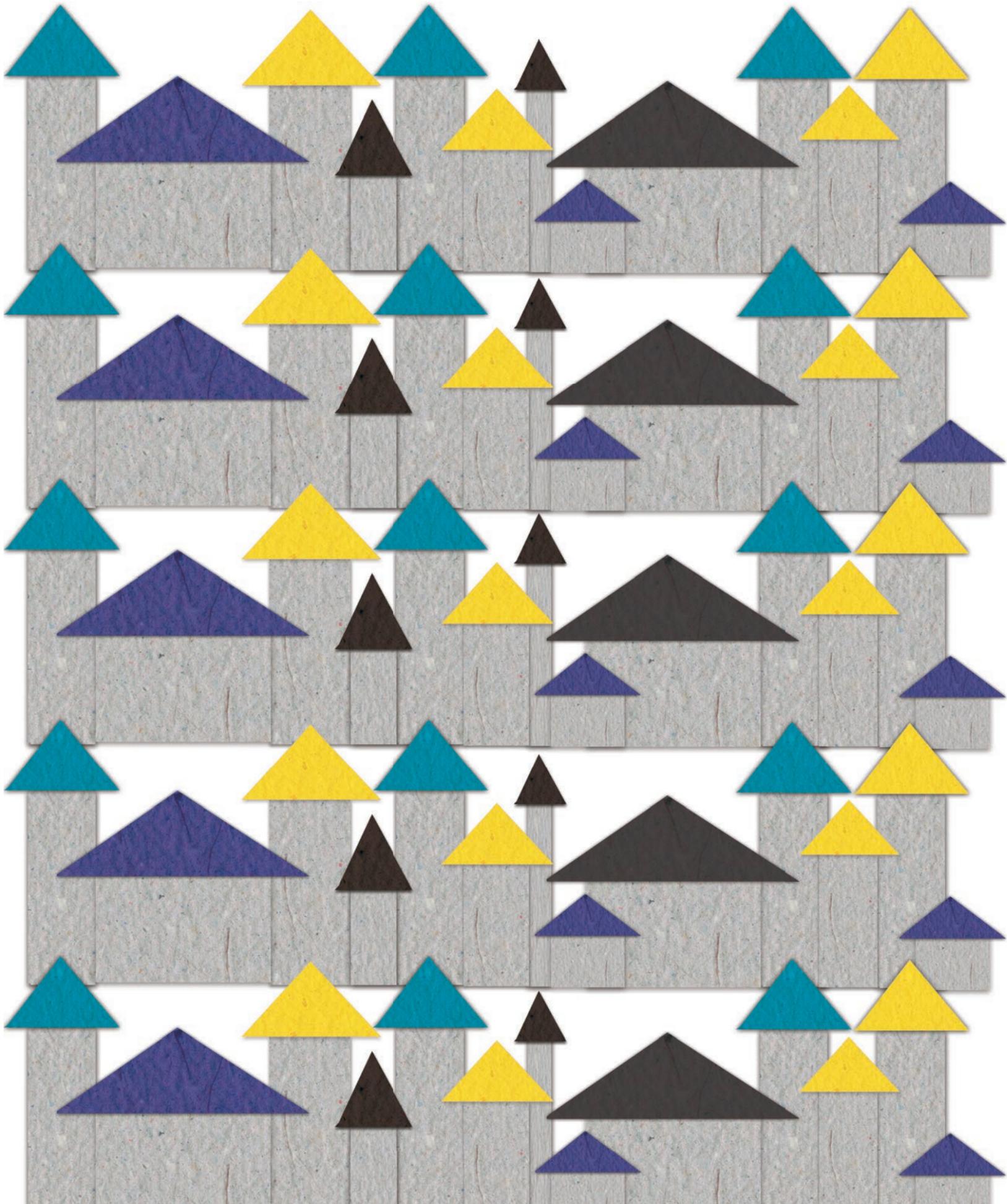
**6. Do senhor Blanchot ao senhor Foucault.** Jamais acreditar nas maravilhas da interioridade, nas armadilhas da subjetividade. Dá a volta na busca da verdade, sem se fazer estranho a ela. Melhor, encontrar onde estão os perigos dessa busca, denunciando suas relações de poder. Imaginar outras ruas como aquela na qual moraram Sade e Hölderlin, depois Nietzsche, Mallarmé, Artaud, Bataille, Klossowski. Onde toda identidade perdeu-se, fugiu, *a começar pelo corpo que escreve: em vez de ser aquele que de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso do seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de desaparecimento possível*.

**7. E que língua nasce daí? A mesma língua que fez o campeão de natação dizer ao senhor Kafka: eu falo a mesma língua que você e, no entanto, eu não compreendo nada.** O centro é um outro radicalmente diferente. Outro conjunto, outro conceito. Há pessoas que dizem emprestar seu discurso ao outro, ou que dão voz ao outro. Estas pessoas estão mentindo. Quando o outro disser que não aceita suas palavras (ou que são palavras bondosas, mas incapazes de afecção segundo o plano de imanência, o diagrama que deveriam habitar), a bondade falará com mais violência que qualquer rejeição. Digo, a imagem não é um prolongamento do real, é uma contemporaneidade. Assim como a imagem, o discurso é uma outra possibilidade do ser, é uma outra versão imaginária, imanente, neutra, jamais algo derivativo, algo que aguardava em potência para ser formulado nem algo que pode ser emprestado ou tomado. O discurso é um ralo, um destino, uma ausência, não oferece escolha aos estados de coisas nem às proposições. É algo que atualiza aquilo pelo que é atualizado, *de modo sempre mais impessoal na pessoalidade*.

**8. Poder e discurso não são a mesma coisa, nem podem vir a ser.** Não são dialéticos. *Estão em uma relação sem relação*, tal a imagem com o objeto em si, tal a palavra com o imaginário. Contradizer-se é o movimento essencial desse pensamento, dessa lógica infantil, desse devir Alice da linguagem.

**9. Poder e saber formam um sistema, unem o diagrama e o arquivo, os articulam a partir da diferença de natureza que guardam.** Os personagens do *O bairro* de Gonçalo surgem doces, delicado, gentis, surgem ternos se comparados à gravidade dos homens de seu Reino. Mas uma lógica persiste, um

KARINA FREITAS



centro, um nada de vontade ameaçando a natureza improfanável dos dispositivos. Algo – maldades, bondades – quer ser ultrapassado, perecer, porque não ignora a liberdade da autodestruição ativa. Com ela, e só com ela, é possível transformar a negação em afirmação, é possível restaurar a atividade dos espíritos superiores em seu direito. O eterno retorno, o ser do dever, é sempre seletivo, porque não se trata do retorno do espírito de segunda categoria. Há um centro gravitacional autodestrutivo. *Minha doutrina ensina: viva de tal modo que deva desejar reviver, é o dever – pois de todo modo você reviverá.* A pergunta fundamental que se lança é: *quero fazê-lo um número infinito de vezes?* É preciso saber onde está a preferência de cada um, e não recuar, vivê-la à fratura. O que você quiser, queira-o de tal modo que também queira seu eterno retorno. Há personagens errantes que buscam eliminar de sua escrita e de sua vida todos os *semiquerer*es, as meia vontades e para isso é

preciso que se autodestruam. A negação exprime uma afirmação da vida e o eterno retorno é a prova a que são submetidas as forças reativas dos espíritos fortes. O que retorna é o que pode ser afirmado.

**10.** *O ponto é o início de um livro. Surge antes da primeira letra da primeira frase, nota Gonçalo ou o senhor Swedenborg. O centro é o início. O enunciado não se define pelo que significa ou designa, mas é a curva que une pontos singulares. Trava o enunciado uma “não-relação” com os pontos singulares que liga, e a força que une tais pontos é o fora do enunciado, mesmo que coincida com aquilo que ele é. A curva-enunciado integra na linguagem a intensidade dos afetos, as relações diferenciais de forças, as singularidades de poder. Assim também deve fazer ao seu modo as visibilidades, por um caminho comparável, mas não correspondente. O senhor Hjelmslev está sempre à porta. As análises literárias não se limitam apenas*

ao enunciado. São capazes de encontrar curvas, e são capazes de encontrar também os quadros, que são como as curvas para a visibilidade, linhas de luz. De modo que quadro-descrição e curva-enunciado são pares heterogêneos, como dito na primeira nota deste texto, duplas-pinças, lagostas, que regulam as legibilidades e as visibilidades. Ver e falar, relações de saber, sempre estiveram presos nas relações de poder que eles atualizam. Relações de forças que não são simplesmente exteriores (a exterioridade é ainda uma forma), mas estão do lado de fora, em um “não-lugar” de “não-relações”. Pensar é chegar ao “não-estratificado”, ao lado que não tem forma. *O lado de fora é sempre a abertura de um futuro, com o qual nada acaba, pois nada nunca começou – tudo apenas se metamorfoseia.*

**Paulo Carvalho** é mestre em comunicação social

*\*O autor preferiu deixar anônimas as citações grifadas em itálico*

# História, arquitetura, memórias e literatura em livros de qualidade



**Assine.**

Revista Continente.

Conteúdo é tudo.

**0800 081 1201**

e-mail assinaturas@revistacontinente.com.br



**EÇA DE QUEIROZ - AGITADOR NO BRASIL**  
Paulo Cavalcanti  
(edição em inglês e português)

*Eça de Queiroz - agitador no Brasil*, de Paulo Cavalcanti, é um livro que amplia a visão da última revolta em Goiana, província de Pernambuco, Brasil, ao examinar a maneira como os pernambucanos reagiram contra o arbítrio e o domínio português.

R\$ 30,00



**O GIRASSOL**  
Paulo Cavalcanti

Garibaldi Otávio estreia na literatura com o livro *O girassol*, coletânea de textos de toda uma vida. Mauro Mota observava, já em 1950, que a poesia de Garibaldi Otávio tem "a imagística sem parentesco, o descritivo mais penetrante, tirando sangue do íntimo das coisas".

R\$ 40,00



**ESTÃO TODOS DORMINDO**  
Edson Nery da Fonseca

*Estão todos dormindo* é uma coletânea de perfis de personalidades marcantes da cultura brasileira, na qual Edson Nery da Fonseca mescla informações precisas, citações literárias e testemunho pessoal, numa prosa límpida, elegante e envolvente, que transforma o leitor em cúmplice do que narra.

R\$ 30,00



**DE RUAS E INTINERÁRIOS**  
Alexandre Furtado

Alexandre Furtado revela que, apesar de jovem, cultiva grande nostalgia de um Recife que não chegou a conhecer, como aquele da época dos bondes e trilhos, ou cujas referências de arquitetura e lugares que conheceu na adolescência já se perderam.

R\$ 40,00



**NAS SOLIDÕES VASTAS E ASSUSTADORAS**  
Kalina Vanderlei

A historiadora Kalina Vanderlei descreve como surgiu o Sertão, enquanto espaço sociocultural, enfatizando os personagens que participaram dessa conquista, pessoas pobres e criminosos recrutados pela Coroa portuguesa para combater os indígenas que habitavam a região.

R\$ 30,00



**UM DIPLOMATA E POLÍTICO DO IMPÉRIO**  
Fernando da Cruz Gouvêa

Fernando da Cruz Gouvêa apresenta o conselheiro Sérgio Teixeira de Macedo, presidente da província de Pernambuco, que participou de episódios relevantes do Império, defendendo a liberdade de imprensa, os direitos dos cidadãos e o combate ao tráfico negreiro.

R\$ 30,00



**ESCRITORES PERNAMBUCANOS DO SÉCULO XX**  
Luzilá Gonçalves Ferreira

Apresenta um resumo da vida e obra de escritores fundamentais à formação da memória cultural de Pernambuco, dos mais conhecidos, como Frei Caneca, a outros quase ignorados, como Antonio Torres Bandeira, que escreveu poemas de inspiração religiosa e homenagem a vultos heroicos.

R\$ 30,00 (cada)



**JARDINS DO RECIFE**  
Aline de Figueirôa Silva

A arquiteta Aline de Figueirôa Silva detalha o surgimento do paisagismo no Brasil, a partir de Burle Marx, e aborda os jardins recifenses do ponto de vista paisagístico, da arquitetura e do urbanismo, contextualizando-os política e socialmente.

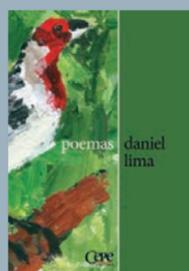
R\$ 35,00



**A INTOCÁVEL BELEZA DO FOGO**  
Geraldino Brasil

Poeta apaixonado pela poesia, humilde, raro e especial, Geraldino Brasil faleceu em 1996, deixando uma vasta produção inédita. Nesta obra, a Cepe Editora o apresenta às novas gerações, publicando 90 poemas, parte dos quais escrita no formato de sextinas.

R\$ 35,00



**POEMAS**  
Padre Daniel

Há meio século, o Padre Daniel produz uma poesia de qualidade singular, mas que zelosamente subtrai ao olhar do grande público. Agora, seus amigos venceram sua resistência em publicar o seu trabalho e juntaram quatro de seus livros inéditos neste magnífico volume.

R\$ 45,00



**AMARO QUINTAS**  
Fátima Quintas

O volume reúne as obras *A Revolução de 1817*, *O sentido social da Revolução Praieira* e *O padre Lopes Gama político*, que espelham um trabalho em boa parte voltado para os movimentos libertários brasileiros, fazendo de Amaro Quintas pleno merecedor do título de O Historiador da Liberdade.

R\$ 36,00

**Cepe**  
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** [livros@cepe.com.br](mailto:livros@cepe.com.br)

# INÉDITOS

Paulo Gervais

## Poética Poética Poética Poética

Ai daquele que procura o sol  
Neste dia inventado  
Trazendo para a beira do abismo  
- onde se levanta a ponta de pedra do sonho -  
A poltrona de vê a manhã acender-se;  
Ai daquele que investiga  
Estas letras que faíscam música  
- onde se empenham todos os dicionários -  
Com seus microscópios de fazer sentido  
As coisas que não se podem vê.

Ai daquele que procura o sol  
Neste dia inventado  
Trazendo para a beira do abismo  
- onde se levanta a ponta de pedra do sonho -  
A poltrona de vê a manhã acender-se;  
Ai daquele que investiga  
Estas letras que faíscam música  
- onde se empenham todos os dicionários -  
Com seus microscópios de fazer sentido  
As coisas que não se podem vê.

Ai daquele que procura o sol  
Neste dia inventado  
Trazendo para a beira do abismo  
- onde se levanta a ponta de pedra do sonho -  
A poltrona de vê a manhã acender-se;  
Ai daquele que investiga  
Estas letras que faíscam música  
- onde se empenham todos os dicionários -  
Com seus microscópios de fazer sentido  
As coisas que não se podem vê.

Ai daquele que procura o sol  
Neste dia inventado  
Trazendo para a beira do abismo  
- onde se levanta a ponta de pedra do sonho -  
A poltrona de vê a manhã acender-se;  
Ai daquele que investiga  
Estas letras que faíscam música  
- onde se empenham todos os dicionários -  
Com seus microscópios de fazer sentido  
As coisas que não se podem vê.

Ai daquele que procura o sol  
Neste dia inventado  
Trazendo para a beira do abismo  
- onde se levanta a ponta de pedra do sonho -  
A poltrona de vê a manhã acender-se;  
Ai daquele que investiga  
Estas letras que faíscam música  
- onde se empenham todos os dicionários -  
Com seus microscópios de fazer sentido  
As coisas que não se podem vê.

Ai daquele que procura o sol  
Neste dia inventado  
Trazendo para a beira do abismo  
- onde se levanta a ponta de pedra do sonho -  
A poltrona de vê a manhã acender-se;  
Ai daquele que investiga  
Estas letras que faíscam música  
- onde se empenham todos os dicionários -  
Com seus microscópios de fazer sentido  
As coisas que não se podem vê.

Ai daquele que procura o sol  
Neste dia inventado  
Trazendo para a beira do abismo  
- onde se levanta a ponta de pedra do sonho -  
A poltrona de vê a manhã acender-se;  
Ai daquele que investiga  
Estas letras que faíscam música  
- onde se empenham todos os dicionários -  
Com seus microscópios de fazer sentido  
As coisas que não se podem vê.

## Ano Novo Ano Novo Ano Novo

Chegam as aves  
Agora que entardece o dia  
E janeiro dá as costas para o ano passado  
E parece virar o rosto de vez  
Para agora;  
Fazem um pouso cauteloso  
E andam desajeitadas no chão  
A medir com os pés diminutos  
A extensão da terra  
Empenhadas em suspender no ar  
Ramos partidos, folhas abandonadas,  
Penas -  
Que lhe tiraram as mudanças -  
Sem uma raiz, um tronco, uma razão  
Para aninhar os seus ovos.

Chegam as aves  
Agora que entardece o dia  
E janeiro dá as costas para o ano passado  
E parece virar o rosto de vez  
Para agora;  
Fazem um pouso cauteloso  
E andam desajeitadas no chão  
A medir com os pés diminutos  
A extensão da terra  
Empenhadas em suspender no ar  
Ramos partidos, folhas abandonadas,  
Penas -  
Que lhe tiraram as mudanças -  
Sem uma raiz, um tronco, uma razão  
Para aninhar os seus ovos.

Chegam as aves  
Agora que entardece o dia  
E janeiro dá as costas para o ano passado  
E parece virar o rosto de vez  
Para agora;  
Fazem um pouso cauteloso  
E andam desajeitadas no chão  
A medir com os pés diminutos  
A extensão da terra  
Empenhadas em suspender no ar  
Ramos partidos, folhas abandonadas,  
Penas -  
Que lhe tiraram as mudanças -  
Sem uma raiz, um tronco, uma razão  
Para aninhar os seus ovos.

Chegam as aves  
Agora que entardece o dia  
E janeiro dá as costas para o ano passado  
E parece virar o rosto de vez  
Para agora;  
Fazem um pouso cauteloso  
E andam desajeitadas no chão  
A medir com os pés diminutos  
A extensão da terra  
Empenhadas em suspender no ar  
Ramos partidos, folhas abandonadas,  
Penas -  
Que lhe tiraram as mudanças -  
Sem uma raiz, um tronco, uma razão  
Para aninhar os seus ovos.

Chegam as aves  
Agora que entardece o dia  
E janeiro dá as costas para o ano passado  
E parece virar o rosto de vez  
Para agora;  
Fazem um pouso cauteloso  
E andam desajeitadas no chão  
A medir com os pés diminutos  
A extensão da terra  
Empenhadas em suspender no ar  
Ramos partidos, folhas abandonadas,  
Penas -  
Que lhe tiraram as mudanças -  
Sem uma raiz, um tronco, uma razão  
Para aninhar os seus ovos.

Chegam as aves  
Agora que entardece o dia  
E janeiro dá as costas para o ano passado  
E parece virar o rosto de vez  
Para agora;  
Fazem um pouso cauteloso  
E andam desajeitadas no chão  
A medir com os pés diminutos  
A extensão da terra  
Empenhadas em suspender no ar  
Ramos partidos, folhas abandonadas,  
Penas -  
Que lhe tiraram as mudanças -  
Sem uma raiz, um tronco, uma razão  
Para aninhar os seus ovos.

Chegam as aves  
Agora que entardece o dia  
E janeiro dá as costas para o ano passado  
E parece virar o rosto de vez  
Para agora;  
Fazem um pouso cauteloso  
E andam desajeitadas no chão  
A medir com os pés diminutos  
A extensão da terra  
Empenhadas em suspender no ar  
Ramos partidos, folhas abandonadas,  
Penas -  
Que lhe tiraram as mudanças -  
Sem uma raiz, um tronco, uma razão  
Para aninhar os seus ovos.

Chegam as aves  
Agora que entardece o dia  
E janeiro dá as costas para o ano passado  
E parece virar o rosto de vez  
Para agora;  
Fazem um pouso cauteloso  
E andam desajeitadas no chão  
A medir com os pés diminutos  
A extensão da terra  
Empenhadas em suspender no ar  
Ramos partidos, folhas abandonadas,  
Penas -  
Que lhe tiraram as mudanças -  
Sem uma raiz, um tronco, uma razão  
Para aninhar os seus ovos.

Chegam as aves  
Agora que entardece o dia  
E janeiro dá as costas para o ano passado  
E parece virar o rosto de vez  
Para agora;  
Fazem um pouso cauteloso  
E andam desajeitadas no chão  
A medir com os pés diminutos  
A extensão da terra  
Empenhadas em suspender no ar  
Ramos partidos, folhas abandonadas,  
Penas -  
Que lhe tiraram as mudanças -  
Sem uma raiz, um tronco, uma razão  
Para aninhar os seus ovos.

### SOBRE O AUTOR

**Paulo Gervais**  
é escritor, membro da  
Academia de Letras de  
Garanhuns e responsável  
pelo blog paulogervais.  
blogspot.com

## INÉDITOS

Alexandre Furtado

## SOBRE O AUTOR

**Alexandre Furtado** é doutor em teoria da literatura pela UPE. Escritor e professor de literatura inglesa da UPE - Campus Norte e coordena o café cultural da Fafire

JANIO SANTOS SOBRE FOTO DE ALEXANDER BÉRZIN



## GLÓRIA

**A luz cobria aquela rua** que a tudo abraçava, os que nela viviam, os que nela passavam, dissolvendo os falares diversos. Translúcido o jeito como preenchia os olhos da gente, seu corpo estreito, como se existisse para se pegarem as coisas de jeito, o sorriso das portas e as janelas em sim, abertas para o mundo, e ainda, como segurava o sol quando amanhecia sob os telhados. Pois Glória pisava leve, fecundava devagar, sem que ninguém percebesse de imediato, tudo em volta e por dentro, fisgado. Sei porque minha infância em seus braços, e nelas sempre parecia furtivo. O tempo diria d'outro modo, bem mais tarde, quando ela se fazia mesmo entranhada em nossas veias.

- Bom dia, disse, tirando-a de um certo transe, enquanto a visão do Recife. Ela enchia-se pelo sol, foi o que me disse Samuel, e sorria de volta, desajeitada, por não saber falar.

- Os contornos daqui são mais cinzentos, não acha? Insistiu e ela, com a bolsa nos braços. Foi dessa vez, lembrou-se o relojoeiro, e ninguém nunca soube se foi assim mesmo sua chegada, a não ser por intermédio de vagas lembranças. Então, funcionários, parentes e amigos queriam a nave, nutrindo de vozes o porto, também chapéus e mãos acenando. Todos exalavam ansiedade na chegada, a fila de passageiros nos degraus, eu me lembro, quando segurava o endereço na mão, nossos nomes, os quase distantes parentes. Esther, minha irmã, e sua amiga Bertha olhavam-na atentas. Ficamos sem saber por instantes quem poderia ser, até que deduzira sermos nós, os últimos no pátio. Não havia bagagem, coisas a esquecer.

E o Recife abria-se a ela que fotografava tudo em seus olhos secos. Cruzamos a ponte, o rio pardo e as árvores. A luminosidade retirou-lhe, a prima que atenta permanecia no fundo da boca, falando entre piscadelas de surpresas. De lá e cá, minha mãe nunca soubera de sua existência. Guardou-

-lhe um quarto com balcão, para que pudesse ver a rua. Deitou colcha nova e sobre elas travesseiros brancos, cortinas e tudo mais que uma mãe faria. Como a rua que abraçava, desejou dizer bem-vinda à pródiga que retorna à casa. Deu um salto na rua da Conceição, comprou escrivania de segunda, e a cadeira de palha doada pela mulher de Simão, o açougueiro. As frutas, apanhou-as no Mercado assim no toque, como quem apalpa corações. Deduzia fome qualquer, pôs louça branca e tudo mais.

Então as portas do carro de aluguel anunciavam a chegada, quase no quintal que dava para a rua da Mangueira. Mamãe olhou saiu da janela, tentando disfarçar. Reconheceu alguns traços de família, encobertos na tragédia. Recordo quando entreolharam-se, um abraço tímido, as mães que se reconhecem. Um não sei o que entre coragem e esperança. Foi de repente que meu pai chegara da loja, o único a falar *itdische*, pois corrente era entre Bobe e Zeide em sua casa, ou quando ia à Maciel Pinheiro, a gente da nação.

- Bom dia! Saltou de sua boca, inesperadamente. A única vez em que a vi sorrindo. Meu pai cumprimentou-a, convidando-a para a sala, pelas mãos que passavam sobre a mezuzá, nós ali, feitos do mesmo barro. Tomamos seu mutismo por tristeza, entre o instante e o distante, como se chegasse a uma festa tarde demais. Estranheza de palavra perdida que não consegue dar conta da vida. Era mais ou menos doze, resolveu-se pelo almoço mais cedo e ela comeu com parcimônia, um cansaço para atingir. A ternura de minha mãe conduziu-a ao quarto, seus olhos.

E quando na sala, papai nos contou que nem todos tiveram enterro, dela apenas o sobrenome, o mesmo da tia avó, o mesmo *Schtetl*, e mais nada, uma mulher de sombras roçando por dentro. O restante do dia para descanso, horas da tarde, certa brisa, até beijar a noite o Recife distraído, sem que



percebesse da prima e o silêncio no quarto.

No seguinte, os bocejos de Glória pelas portas, a louça do vizinho, a água solta na pia, as casas acotovelando-se umas nas outras, puxando os raios para baixo. Um barulho mínimo rangia a escada, sua espinha de madeira colhendo o peso dos corpos, Esther e minha mãe esperavam-na com um sorriso, café da manhã com bolo de mel. Pelos olhos apenas, as mãos atentas de minha mãe tentavam falar, até minha tia Raquel, para ajudar na comunicação. E a comunidade já cochichava maneiras de abraçá-la. Saíamos eu e meu pai muito cedo todos os dias, a loja perto da ponte. O que seguia mesmo, a rotina acomodando um pouco dos corpos, Esther e minha mãe esperavam-na com um sorriso, café da manhã com bolo de mel. Pelos olhos apenas, as mãos atentas de minha mãe tentavam falar, até minha tia Raquel, para ajudar na comunicação. E a comunidade já cochichava maneiras de abraçá-la. Saíamos eu e meu pai muito cedo todos os dias, a loja perto da ponte. O que seguia mesmo, a rotina acomodando um pouco dos corpos, Esther e minha mãe esperavam-na com um sorriso, café da manhã com bolo de mel.

- Bom dia, Esther! Mamãe respondia, de braço dado com a prima, passando pela escola, o número 215, até a curva na rua Velha. Uma pequena encruzilhada, espaço de passagens. A rua da Matriz, de mesma estreiteza, tinha sobrados mais altos, com balcões de ferro e lojas embaixo no começo da praça. Senhoras seguravam pacotes, homens desciam bondes pesados, outros conversavam em ladino, tudo que fazia a prima reconhecer-se um pouco mais. Os pequenos com açúcar candy, jornais entre os dedos dos grandes, encontros. E foram caminhando, sem perceber que nada de montanhoso, mas o que de repente desafiaria o rosto, um choro contido, tão logo desgrudara-se, do fundo lembrança qualquer. Tia Raquel e minha mãe atentas, diante da Hospício, juntavam-se ao barulho do bonde, as crianças, o movimento, uma espécie de loucura. Resolveram retornar. Em casa, ela subiu e passou boa parte do dia deitada.

- E então, Judith? Perguntou tia Raquel.

- Não sei, a água escorrendo na chaleira, as folhas farfalhando, sua atenção. Passou um café, tomaram em silêncio e se despediram. Quando a casa serena, as duas saíram, e minha mãe deixou os recados a Berenice, que escutava com altivez. É que a negra viu a prima sentada na cozinha, e seu cabelo ralo. Berenice meneou. Não soube falar, a timidez de quem se depara com o desconhecido. Apontou para as frutas e a prima pegou uma tangerina.

- A senhora vai onde, mesmo? Perguntou ela,

segurando roupas, e nenhuma resposta. Ela deu de ombros e foi cuidar, tinha lavagem até os punhos. Fez o sinal da cruz, beijou São Jorge. A prima não entendeu, mas escutou-a dizendo a palavra sorte, perdendo-se por entre as toalhas e os lençóis dependurados no quintal de sombra verde. Quando já não sinal de gente, fechou o portãozinho que dava à rua da Mangueira e deixou-se por ela. A mulher e seu número de chumbo. Na esquina, a mangueira imensa, aventou-se pela ruazinha, o exercício de uma liberdade arrependida, antes com as parentes brasileiras. E deixou-se até a campina, no final da rua, um resto de terreno comum aos quintais das casas, quando Glória e Alegria se encontravam e faziam dali em algumas tardes o melhor futebol da meninada, os mexericos comuns, e, às vezes, aquela ciranda animada entre palmas e cantos e letras diferentes. 1950 era assim, por ali. Deixou-se por alguns minutos sob as nuvens brancas e o azul imenso. Em casa, o portão batia, e Berenice dizendo: - olhe só, dona Judith, de repente ela levou uma tangerina e sumiu. Judith buscou-a dentro de casa, o coração corria. Mas Esther, tal figuração de sonho, chegou minutos com os braços mais dados e a prima para alívio de sua mãe.

Bernardo, médico, disse que era questão de tempo, pois casos mais graves havia. A prima, entre pausas enormes, era por papai traduzida. Houve *guelfite fish*. E depois a lua cheia deu aos sobrados uma Boa Vista do bairro, telhados banhados em prata. De seu quarto, a prima absorveu o coração da rua, entorpecido-se. Ela quisera muito? Naquele instante, apenas a réstia brilhante sobre o chão de mosaico, até desaparecer no sono. E assim as noites, e os descansos, durante inteiros, até chegar outra manhã. O cheiro de café e o trincar da louça já diziam de tia Raquel e suas novidades, uma amiga Yeda se casara recentemente, cliente de loja de roupas. Precisavam de bordadeira. Papai traduziu a proposta, e ela com receios. Lembrava-se quando trabalhava na loja de seu pai, costurando depois estrelas em pijamas listados. Nelas todas, *Ha tivka*, papai pensando forte. Foram à rua das Flores, 106, à tarde. Emprestaram-lhe um colar, um chapéu e o primeiro batom depois de anos, mas o sorriso por dentro. Cortaram o caminho pela Imperatriz, prometendo-se comemoração, caso fosse aceita, um lanche na confeitaria.

Mas a função já ocupada escondia certo azar ou

outra razão? Voltaram em silêncio, tendo a *Confiança* mais adiante. Comeram lá de toda sorte. A prima ficara muda outra vez, mastigando o pedaço de bolo, sorvendo o chá. A preocupação das mães em inseri-la aparecia nas pausas curtas, nos olhares ao teto. Onde se encaixam os cacos? O que se faz quando a feitura de nós é deles? Sem mais, seguiram à Maciel Pinheiro, em vez da Matriz, dobrando à esquerda, porventura a Travessa do Veras, onde um jasmineiro recobrava o doce da vida. Um vazio estrondoso que a prima a todo custo abafava, pois seu medo de assustar demais, todos os parentes que lidavam com barulhinhos do cotidiano. Mamãe tinha a impressão, confessou-me certa vez, que se abrisse a boca com vontade, traduziria uma falta arrancada do oceano, coisa que não se suportava, pois sem tamanho. Alcançaram a rua Velha, rumo à Santa Cruz, cúmplices e sem coisa maior, o respeito por si, além dos saltos dos sapatos na calçada de pedra portuguesa. Ao dobrarem a rua da Mangueira, viram Berenice, a lindeza da cor. Era sexta, e as velas estariam acesas mais tarde. Papai já em casa comentava quanta gente ia ao centro nesses dias.

- Você sabia, eu não tinha tanta liberdade assim, disse-me papai, no meu tempo, ficávamos mais em casa, os horários e tudo.

- Pois, não é privilégio, meu caro, saiba você, que eu e muitas amigas minhas fizemos a mesma coisa... Mamãe entrando em casa com ar de afobada, sapecando-lhe um beijo na testa. Aprontamos a mesa, a reza, depois servimos a comida e fomos ao quintal conversar. Papai lembrava-se dos pepinos em conserva de dona Ida, mamãe de *fludens* recheadinhos com jambo. Riram dessa história. Em reserva, conversaram os dois sobre a tarde da prima e sobre a esperança. Mas naquela noite, subiu e fechou porta, após um mês e pouco no Recife. Papai chegou a confessar-me ali que ela, semanas antes, comentara o desejo de morrer aqui.

E fomos dormir noite grande. Abriu devagar a porta do balcão e olhou as estrelas. Da gaveta, tirou linhas e agulhas, retalhos comprados em São José. E sem demora, começou a cortar devagar, uma após outra, verde, amarela, todas elas de seis pontas, as estrelas. Compulsivamente, no lençol branco, umas com sete, outras com oito, as pontas dos dedos em sangue, bordou-as. Embrulhou-se com o lençol estrelado, suportando o gosto amargo do corpo. E como se suspensa, acordou e viu-se em casulo, com os joelhos dobrados. Desembrulhou-se e permaneceu solta na cama com suas cicatrizes.

O teto, alto e liso, media o outro limite do chão. Então, abriu a porta. Uma brisa suave dizia que a cidade ainda dormia. Nua, entre a casa e a rua. Voltou ao quarto, a si mesma e meteu-se em vestido vermelho, levemente aberto, uma cor derramada, presente de dona Judith. As mangas curtas adequavam-se ao clima tropical. Passou batom, abriu a porta do quarto. Mamãe flagrou-a, mas com o indicador nos lábios, pediu-lhe segredo. Então, deixou-a, igualmente como acolhera. As lágrimas desciam em absoluto silêncio. Deu-lhe algum dinheiro, e disse-lhe que a casa estava sempre aberta. Mamãe encontrou saudade.

A luz cobria a rua que a tudo abraçava como se existisse no sorriso das portas e as janelas que começavam a abrir, o sol quando amanhecia sob os telhados. Pois Glória, naqueles tempos pisava de levinho, fecundava definitivamente, sem que ninguém percebesse. Então, a porta da rua foi aberta diferentemente no sábado, depois das estrelas no céu, das estrelas de pano, das primeiras luzes. E com gentileza, inaugural o nascimento. Ou liberdade? Procurou um nome para si, algo definitivo, deixaria de ser a prima, a parente distante, a mulher sem sorrisos, a mulher e seu número de chumbo no braço, mas seria qualquer coisa? Para um rumo que lhe salvasse, e de relance, viu preso na parede da rua, na casa da frente, ao lado do convento, o nome Glória. Leu para dentro, memorizando, uma posse que valesse mais que o esquecimento. A prima soubera que em vão jamais, que vitória maior era ser, e se quis assim, repetiu o nome Glória para si, sem saber do que se tratava. E partira consigo no oco da rua, com sua pouca coisa, como nós quando chegamos ao mundo, à luz de um um nome, atravessando seu batismo nas águas salgadas dos olhos, barrentas do rio das capivaras, as do Mar Vermelho, algo que surge entre a escolha e o caminho.

# RESENHAS

JANIO SANTOS



## O Rei de todas as festas e também de todas viagens

Entenda as razões que fazem de *O grande Gatsby* um bom companheiro para as férias

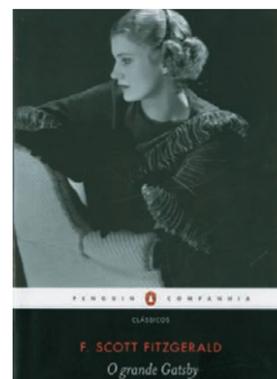
Schneider Carpeggiani

O selo Penguin-Companhia acaba de lançar uma edição caprichada de *O grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald. A beleza do projeto gráfico e o longo ensaio introdutório do crítico inglês Tony Tanner já seriam razões suficientes para indicarmos com louvor esse relançamento ou mesmo a possibilidade de (re) lermos um dos melhores primeiros parágrafos da história da literatura. Quem há de esquecer a sábia lição “Em meus anos mais vulneráveis de juventude, meu pai me deu um conselho que jamais esqueci: – Sempre que tiver vontade de criticar alguém – ele disse –, lembre-se de que ninguém teve as oportunidades que você teve”? Todas essas seriam razões fortíssimas, mas não foi por qualquer uma delas que tive vontade de escrever sobre a obra maior de Fitzgerald. *O grande Gatsby* foi o livro que

mais vi (vi, mas não li, que fique claro) durante as férias dos últimos três anos. A cada cidade que parava, a cada trem que precisava pegar, a cada novo quarto de hotel dividido com uma legião de estranhos, sempre havia algum viajante com o exemplar do livro. É curiosa a relação que mantemos com os livros que escolhemos para companheiros de viagem. Coitados, na maioria das vezes, eles voltam para casa intocados ou com um ou dois capítulos lidos. Sempre perdem fácil para a praia, o museu, as companhias e os (bem-vindos) “desvios” de rota. Ainda assim é difícil não lançar mão de algum romance, de uma coletânea de contos que seja, na hora de correr o mundo. Mas por quê? Livros de viagem não são simples possibilidades de leitura, mas “escudos” e álibis para os momentos difíceis, para quando ninguém pode lhe acompanhar ou para quando você não deseja

que a solidão brilhe como um luminoso de neon. Na melhor das hipóteses, você nunca está sozinho: está com um livro. Está a favor de alguma coisa. Chato é que não é tarefa fácil se concentrar numa leitura quando estamos ansiosos. Ainda assim, é bom passear os olhos pela letras, até que alguma sensação de bem-estar se instale. O ritual do livro para viagem é tamanho que Walter Benjamin escreveu que preferimos comprar um novo exemplar na hora de embarque do que confiar em algo da nossa biblioteca. Mas por quê *O grande Gatsby* é tão bom companheiro de viagem, já que se trata de um livro de quebra de ilusões, que diseca festas grandiosas sem qualquer sentido? Arrisco dizer que ele é favoritíssimo por se tratar de um jovem clássico absoluto – um livro que carrega consigo um grau de “respeito” e de segurança como poucos. Viagens são momentos em que nos arriscamos

a descobrir um mundo selvagem lá fora. Ter *O grande Gatsby* ao lado é uma espécie de “seguro” que estamos acompanhados de algo que sobreviveu às intempéries dos tempos. Prometo que assim que pegar meu próximo avião, esquecerei toda minha coleção de livros policiais e levarei a obra-prima de Fitzgerald comigo. Mas garanto a (re)leitura.



ROMANCE

*O grande Gatsby*  
Autor – Scott Fitzgerald  
Editora – Penguin/Companhia das Letras  
Preço – R\$ 25,00  
Páginas – 256

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

### CINEMA NA FLIPORTO

#### Obra do homenageado Gilberto Freyre inspirou série documental feita especialmente para a TV

A série documental para a TV *Casa-grande & senzala*, inspirada na obra de Gilberto Freyre, homenageado da Flíporto este ano, é uma das melhores realizações de Nelson Pereira dos Santos. Vem de longe a relação do cineasta com a literatura brasileira, desde *Vidas secas* (foto), baseado na obra de Graciliano Ramos, que foi transposto para a telona em 1963, e é um dos filmes mais premiados

do Brasil, passando por *Tenda dos milagres* (1975), romance de Jorge Amado, até *Memórias do cárcere* (1984), inspirado na biografia de Graciliano. Junto com Tizuka Yamasaki e Guel Arraes, diretores que já mergulharam na literatura, Nelson formou o trio convidado para debater com o público essa relação. Esses e vários outros filmes estão na programação do Cine Flíporto.

REPRODUÇÃO



DIVULGAÇÃO



## Em busca de um Odisseu

É incrível a quantidade de obras que se inspiram na mitologia erguida a partir dos mitos contidos nos versos da *Odisseia* (de modernas adaptações ao totem modernista que é o *Ulisses*, de James Joyce), atribuída a Homero. O escritor norte-americano, e especialista em inteligência artificial, Zachary Mason é o mais recente a chamar para si o forte imaginário do clássico grego. O seu romance *Os cantos perdidos da Odisseia* lança mão de 44 cantos para oferecer uma visão bem particular dessa trama fundadora do Ocidente. O livro apresenta um Odisseu de carne e osso, abandonado pelos deuses, que faz corte a Helena, dá a vida a um duplo de Aquiles, enfrenta a ira do ciclope Polifemo e o canto das sereias. E enfim retorna a Ítaca para reencontrar uma Penélope envelhecida e cansada

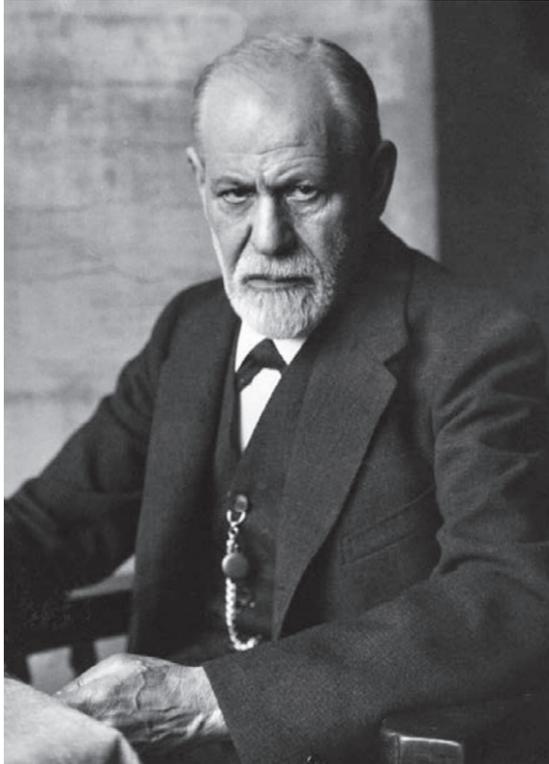
de esperá-lo por tanto tempo. “Seu leito está frio e ela aguarda ansiosa a chegada dele, embora ainda não saiba que ele virá, por mais que estude as estrelas e desconfie que o mar, em breve, lhe trará um presente”, diz um dos cantos imaginados pela poética de Mason.



### ROMANCE

*Os cantos perdidos da Odisseia*  
Autor - Zachary Mason  
Editora - Companhia das Letras  
Preço - R\$ 39,00  
Páginas - 215

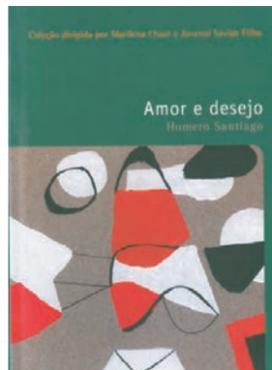
DIVULGAÇÃO



## Filosofia sobre o desejo

A coleção de livros de bolso *O prazer de pensar*, da Martins Fontes, organizada por Marilena Chaui e Juvenal Savian Filho, merece crédito por vários fatores: pelo seu projeto gráfico arrojado e por seus textos, que simplificam questões espinhosas da filosofia. No mais recente volume da série, *Amor e desejo*, o doutor em filosofia Homero Santiago reconstrói a história da concepção do amor e do desejo, partindo da pergunta: amor e desejo são idênticos? Por seu olhar agudo sobre a temática, passam referências como Sócrates, Platão, Freud (foto), a *Bíblia*, Agostinho de Hipona, Descartes e Espinosa. “Em si mesmo, o desejo não tem nem se define por um objeto. Ele é movimento para o que nos aparece como útil (e qualquer

coisa pode aparecer assim) e consciência disso; é ação de nossa essência, positivo e sua definição não envolve a ideia de falta ou carência. Assim como uma ação se dá sobre algo, em algum lugar, mas não se define pelo algo onde age ou pelo lugar onde age”, filosofa o autor.



### ENSAIO

*Amor e desejo*  
Autor - Homero Santiago  
Editora - Martins Fontes  
Preço - R\$ 14,50  
Páginas - 72

## PRATELEIRA

### LITERATURA E AFRODESCENDÊNCIA NO BRASIL: ANTOLOGIA CRÍTICA

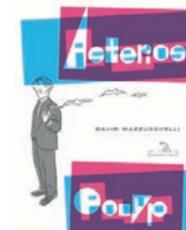
Mapeia a literatura produzida pelos afrodescendentes no Brasil, desde o período colonial. São 100 escritores, apresentados a partir de ensaios críticos, com dados biográficos, estudo de obra, relação de publicações e fontes de consulta. Os quatro livros somam mais de duas mil páginas: *Precursores* (autores nascidos antes de 1930); *Consolidação* (nascidos nas décadas de 1930 e 1940); *Contemporaneidade* (39 escritores da segunda metade do século 20); e *História, teoria, polêmica* (uma reflexão a partir de visões diferenciadas).



Organizador: Eduardo de Assis Duarte  
Editora: UFMG  
Páginas: 2008 (4 volumes)  
Preço: R\$ 190,00

### ASTERIOS POLYP

David Mazzucchelli já era um dos mais respeitados quadrinistas antes de lançar sua mais recente obra: reinventou com Frank Miller o Batman e o Demolidor na década de 1980 e fez uma notável adaptação do conto *Cidade de vidro*, de Paul Auster. *Asterios Polyp*, uma obra-prima das HQs, narra a história de um arquiteto que, depois de uma separação dolorosa e um incêndio, tenta se reencontrar. No livro, a experimentação formal se casa perfeitamente com um belo enredo.



Autor: David Mazzucchelli  
Editora: Quadrinhos da Cia  
Páginas: 334  
Preço: R\$ 63,00

### GUERREIRO PACÍFICO EM QUADRINHOS

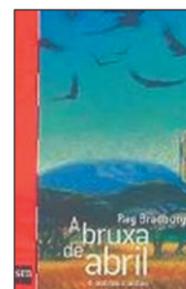
A saga do guerreiro pacífico, criado por Millman como exemplo de superação física e espiritual, tornou-se *best-seller* entre os livros de autoajuda e foi adaptada para o cinema em 2006. Chega agora ao mundo dos quadrinhos, procurando conquistar novos públicos, numa versão ousada, que adota o estilo e o dinamismo da linguagem das HQs. A saga inclui quatro livros sobre a jornada do guerreiro e suas influências espirituais. As ilustrações são de Andrew Winegarner.



Autor: Dan Millman  
Editora: Pensamento  
Páginas: 192  
Preço: R\$ 39,90

### A BRUXA DE ABRIL E OUTROS CONTOS

Reúne quatro histórias de ficção científica do autor de *Fahrenheit 451*. *A bruxa de abril* é a história de uma feiticeira que, temendo perder os poderes caso se apaixone, tenta controlar a mente de uma garota humana; *A sirene do nevoeiro* fala de um monstro marinho atraído pela sirene de um farol; em *A savana*, um casal reage à obsessão dos seus filhos por ideias sangrentas e brigas de leões; *O outro pé* mostra como uma comunidade negra, estabelecida em Marte, abomina a chegada de um terraqueo branco.



Autor: Ray Bradbury  
Editora: SM  
Páginas: 128  
Preço: R\$ 26,00

### FLIपोर्टEAR

#### Festa literária criou até um neologismo em Pernambuco

Flanar entre os estandes, participar das oficinas literárias, assistir aos filmes, frequentar os restaurantes associados, comprar ótimos livros a preços ainda melhores, conversar com autores, assistir às palestras e tudo o mais que se pode fazer na VII Festa Literária Internacional de Pernambuco, em Olinda, pode ser resumido no verbo “fliportear”, que já conquistou o público da feira.

### COZINHA-SHOW

#### Gastronomia inspirada na literatura é atração

O circuito gastronômico da Fliporto, em bares e restaurantes de Olinda, tem *Comidinhas gilbertianas*, *Camarão Gilberto Freyre*, *Polvo à ordem e progresso*, e outras delícias preparadas pelos chefs. Além do cardápio especial, o público contará com o projeto *Cozinha-Show*, no qual será possível provar os pratos e tentar repetir as receitas. A relação dos restaurantes conveniados pode ser consultada no site da festa.

### MARATONA

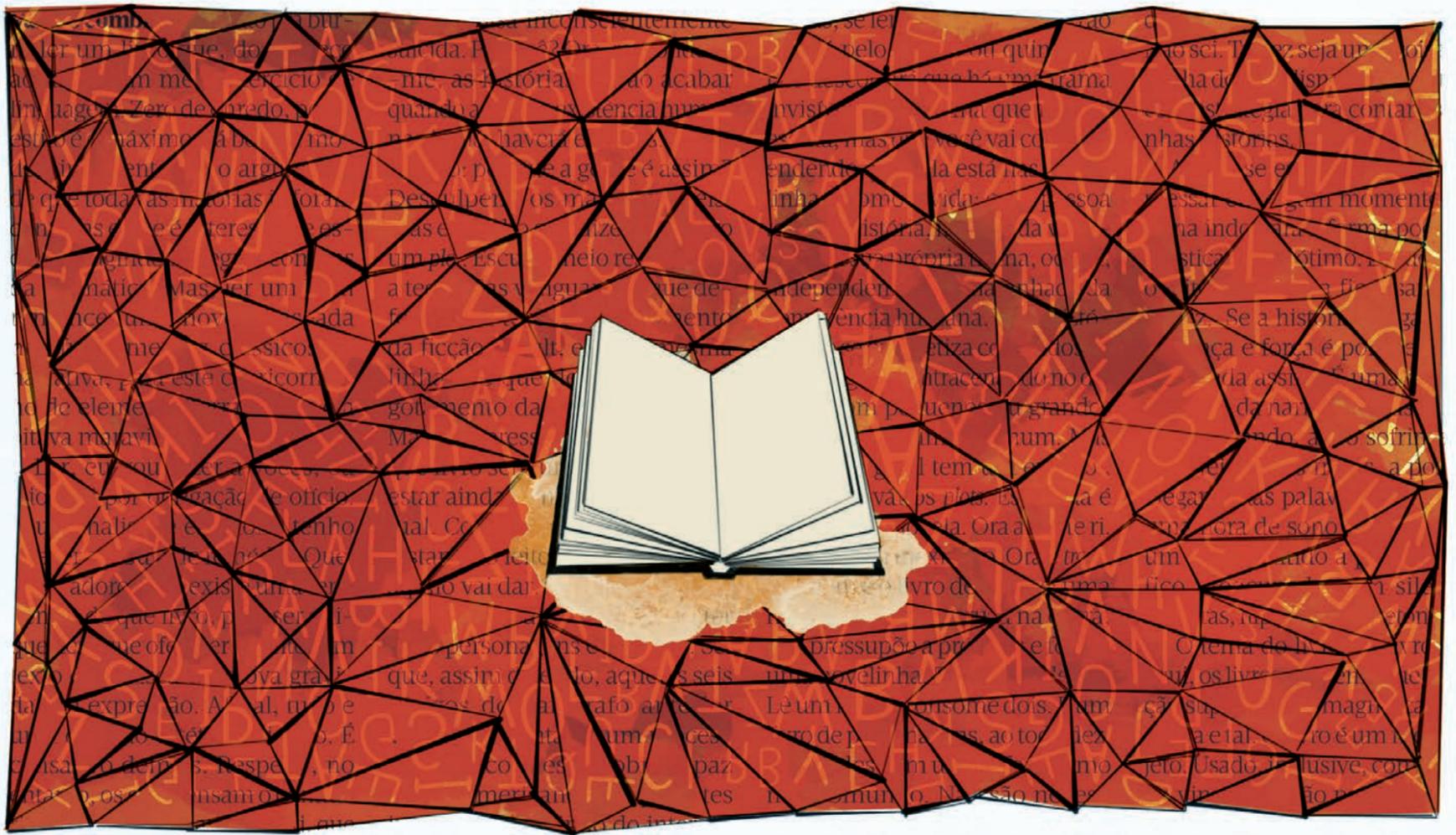
#### Prêmios incentivam novos talentos na Fliporto

Prestígio e grana são uma ótima combinação para estimular o surgimento de novos talentos. Na Fliporto, além dos prêmios *TOC140 Poesia no Twitter*, e do *Prêmio Internacional Poesia ao Vivo*, foi lançado o *Pernambucanidade em Jogo - Maratona Premiada do Conhecimento Literário*, que vai premiar com R\$ 1.500, R\$ 1.000 e R\$ 750,00 os classificados, além de ofertar iPad e troféu.

## CRÔNICA

Cícero Belmar

KARINA FREITAS



## Esta vida é uma novela, meu bem

**Vamos combinar:** é chato pra burro ler um livro que, do começo ao fim, é um mero exercício de linguagem. Zero de enredo, pois o estilo é o máximo. Tá bom, é moderninho, entendo o argumento de que todas as histórias já foram contadas e que é interessante escrever fugindo às regras comuns da gramática. Mas, ler um bom romance, uma novela baseada nos fundamentos clássicos da narrativa, para este capricorniano de elemento Terra, ainda é a oitava maravilha.

Ler, eu vou dizer a vocês, eu leio. Até por obrigação de ofício. Sou jornalista e escritor e tenho que ler até bula de remédio. Que, aliás, adoro. Mas existe uma tendência de que livro, para ser chique, tem que oferecer ao leitor um texto que busca dar nova gravidade à expressão. Afinal, tudo é uma questão estética. Ai, não. É cansativo demais. Respeito, no entanto, os que pensam o contrário. Mas não digo, jamais direi, que um dos prazeres deste mundo – e todos eles me agradam – é ler um tijolo de 300 e tantas páginas que começa do nada e vai para lugar nenhum. Caso contrário, podem me chamar de cafona.

No outro dia eu estava conversando sobre esse assunto com meu amigo Xico de Assis, o cantor, que também é um grande leitor. E eu dizia conhecer umas pessoas – contei seis, nos dedos – que têm urticárias às narrativas empolgantes, aquelas que deixam o leitor amarrado até a última linha. Xico me disse que essa tendência de eliminar as tramas dos livros

é uma coisa inconscientemente suicida. Por quê? Ora, respondeu-me, as histórias só vão acabar quando acabar a existência humana. Até lá, haverá enredos.

Xico: por que a gente é assim? Desculpem, os mais sensíveis, mas eu tenho que dizer: eu adoro um *plot*. Escuto, meio ressabiado, a teoria das vanguardas, que defendem a tese do esgotamento da ficção. É cult, está na mesma linha dos que defendem o esgotamento da pintura etc e tal. Mas a impressão que me dá é de que livro sem um enredo parece estar ainda num estágio conceitual. Como se o autor estivesse testando o leitor para ver no que aquilo vai dar.

Acho que um livro precisa ter bons personagens e enredos. Sei que, assim dizendo, aqueles seis amigos do parágrafo anterior vão se dar conta de um processo alérgico a este pobre rapaz latino-americano sem parentes importantes e vindo do interior. Tampouco comprarão o meu livro mais recente. Pois quando escrevo, o primeiro leitor que eu tenho que agradecer sou eu mesmo.

Portanto, parem de ler neste ponto aqueles que não acham sérios os escritores que dão importância às tramas. O meu livro tem como título *Aqueles livros não me iludem mais*. Ele não tem um gênero muito definido, pois é ao mesmo tempo de contos e também uma novela. Cada conto se resolve em si mesmo e se o leitor se der ao trabalho de pinçar um dos textos, vai achar que ele está fechadinho, tudo certo.

Mas, se ler o livro do começo ao fim, lá pelo quarto ou quinto relato descobrirá que há uma trama invisível. Uma trama que não foi escrita, mas que você vai compreendendo, pois ela está nas entrelinhas. Como a vida: cada pessoa tem sua história, mas a vida vai tecendo a sua própria trama, oculta, independente, no emaranhado da convivência humana. Uma história que se concretiza com todos os personagens contracenando no dia a dia, com pequenos ou grandes dramas, ou drama nenhum. Mas na leitura geral tem um enredo, sim, com vários *plots*. Esta vida é uma grande novela. Ora a gente ri. Ora é drama mexicano. Ora é *trash*.

Assim é o livro de contos: uma história que entrecruza na outra, que pressupõe a próxima e forma uma novelinha. Bom para o leitor. Lê um livro e consome dois. É um livro de personagens, ao todo dez. Todos eles com um pé fortíssimo no submundo. Não são necessariamente marginais, mas que estão a um passo da “margem”. Não pretendo, através dos contos, fazer um resgate da vida tal qual ela é. Não é jornalismo, nem é história. É ficção.

São contos em que exploro uma linguagem usual, oral, cotidiana. Sempre tento me aproximar da oralidade na prosa, principalmente nos textos em primeira pessoa. Fico buscando uma forma de expressão do personagem que pareça mais genuína. É a importância do texto oral, sacou? Além de parecer mais real, o texto parecido com a fala, parece-me, facilita a comunicação entre o que o autor quer

dizer e o que o leitor vai assimilar. Não sei. Talvez seja uma coisa que venha do jornalismo e que eu trago essa estratégia para contar as minhas histórias.

Agora, se esse jeito de me expressar em algum momento termina indo para a forma poética e artística, então ótimo. É tudo o que o leitor quer para ficar satisfeito e feliz. Se a história vai ganhando graça e força é porque ela foi planejada assim. É uma questão de estilo da narrativa. Mas eu não fico buscando, até o sofrimento, a perfeição das frases, a posição elegante das palavras. Não perco uma hora de sono buscando dar um novo sentido à palavra. Não fico preocupado com silepses, anáforas, hipérboles e metonímias.

O tema do livro é: “livros”. E, aqui, os livros não têm aquela função superlativa e magnífica, educativa e tal. O livro é um mero objeto. Usado, inclusive, como arma de vingança. Não podia ser mais cafona, certo? Mas eu desconfio que vai agradar a amigos, que, como Xico de Assis, acreditam que uma obra de ficção pode brincar consigo mesma: tanto na forma quanto no conteúdo. A história é tão importante quanto o jeito de contá-la. Já diziam os teóricos.

Fecho este artigo com as palavras de Xico: ele disse que está desconfiadíssimo de que a ficção que investe mais na forma conquista os literatos, mas vai excluindo cada vez mais os leitores comuns. Leitores que vão achar os livros mais complicados e sem graça. Há de se reconhecer. Xico tem razão.

### SOBRE O AUTOR

**Cícero Belmar** é escritor e jornalista. Está lançando *Aqueles livros não me iludem mais*, pela A Girafa. É autor de romances, biografias, contos e peças de teatro para jovens e crianças